

Max Gehringer



Luís Roberto Barroso



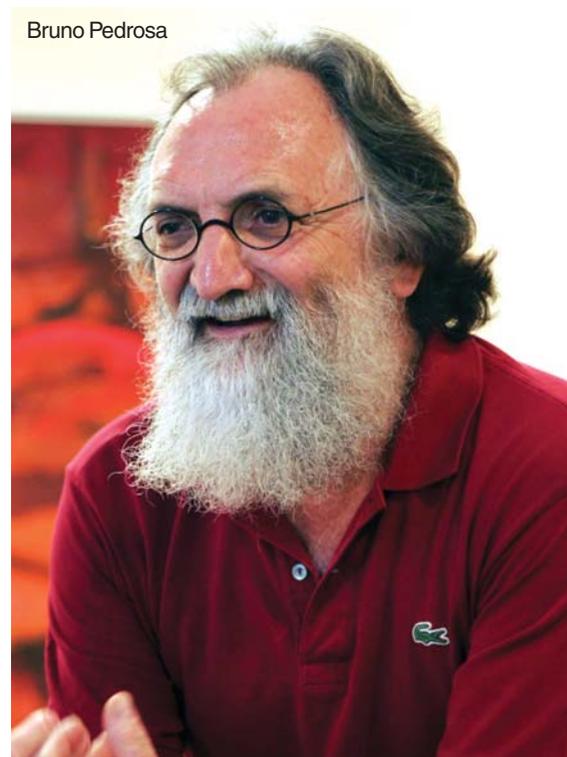
Silvio Meira



Nuno Cobra



Lobão



Bruno Pedrosa

Ciência, Cultura e Tecnologia

O jornal Unifor Notícias de novembro dá destaque a entrevistas exclusivas com os profissionais que abrilhantaram as noites da quinta edição do Mundo Unifor – Max Gehringer, Luís Roberto Barroso, Silvio Meira, Nuno Cobra e Lobão – e também à entrevista com o artista plástico cearense radicado na Itália Bruno Pedrosa.

editorial

Um mundo diverso numa grande universidade

Todas as edições do jornal Unifor Notícias são especiais. E não é para menos. Todas são fruto de um trabalho em equipe que leva até você, com entusiasmo, o dia a dia do campus e os feitos da nossa comunidade acadêmica. Mas esta edição de novembro tem um quê de especial.

Especial, principalmente, por contemplar entrevistas exclusivas com grandes profissionais: Max Gehringer, Silvio Meira, Luís Roberto Barroso, Nuno Cobra e Lobão. Essas personalidades contribuíram para o Mundo Unifor, evento bianual da Universidade de Fortaleza que inclui palestras memoráveis, atividades de esportes, encontros científicos e muito mais.

Queremos aqui deixar registrados alguns pensamentos desses experts em assuntos tão diversos. Os entrevistados dão um show em seus diferentes saberes e nos lembram que o mundo do conhecimento é extremamente amplo e discutível. E é com grande satisfação que os reunimos para apresentá-los a você.

Bruno Pedrosa, artista cearense radicado na Itália, recebeu igual destaque nesta edição. Ele também ministrou palestra dentro da programação do Mundo Unifor e está com a mostra itinerante Presságios, que fica em cartaz até o próximo mês no Espaço Cultural Unifor Anexo. Tampouco poderíamos deixar de citar a 16ª edição da Unifor Plástica, exposição que reúne obras artísticas tão plurais e que, neste ano, também fez parte da programação do Mundo Unifor. A matéria traz os comentários dos três primeiros colocados da mostra, que se disseram satisfeitos não só com o prêmio, mas com o fato de participar de tão significativo evento artístico. Aproveitamos para convidar você a visitar a Unifor Plástica, que é uma obra de arte em si.

Esperamos que você se deleite com a vasta exposição de ideias apresentadas nesta edição do Unifor Notícias e que elas possam ampliar o seu mundo. Boa leitura!

Carolina Quixadá
Editora do jornal Unifor Notícias

expediente

Chanceler: **Airton Queiroz**
Reitora: **Fátima Veras**
Vice-Reitor de Ensino de Graduação: **Henrique Sá**
Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: **Roberto Ciarlini**
Vice-Reitor de Extensão: **Randal Pompeu**
Diretora de Comunicação e Marketing: **Valerya Abreu**

Jornal da Universidade de Fortaleza, da Fundação Edson Queiroz
Edição: **Carolina Quixadá (MTE CE2617JP)**
Textos: **Carolina Quixadá, Emanuela França, Paula Acácio e Virna Macedo**
Projeto Gráfico: **Camila Campos, Carolina Quixadá e Glaymerson Moises**
Diagramação: **Glaymerson Moises**
Revisão: **Thiago Braga**
Fotos: **Camila Campos e André Lima**
Impressão: **Gráfica Unifor**
Tiragem: **10 mil exemplares**

Contato: Diretoria de Comunicação e Marketing da Unifor
Prédio da Reitoria – Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz – Fortaleza-CE
(85) 3477 3111 – imprensa@unifor.br – www.unifor.br

Você também pode fazer o Unifor Notícias. Queremos escutar a sua opinião. Mande sugestões de pauta, críticas, elogios. O email é imprensa@unifor.br.

sumário

CAMPUS & COMUNIDADE

4

Artigo

União homoafetiva em debate. Artigo da professora Gina Pompeu discute a não regulamentação do núcleo familiar homossexual.

6

Alimento vilão

Programa de extensão trata pacientes com transtornos alimentares e obesidade com o objetivo de reeducá-los no quesito alimentação, conferindo igual atenção aos problemas psicológicos atrelados ou causadores das disfunções alimentares.

8

Câncer infanto-juvenil

Aluna de graduação do curso de Direito aborda em sua monografia os direitos no tratamento do câncer infanto-juvenil no Brasil e mais especificamente em Fortaleza.

ESPECIAL

9

Mundo Unifor

Prepare-se para um novo mundo. Você confere entrevistas de profissionais de renome nacional que fizeram parte da programação do Mundo Unifor: Max Gehringer, Nuno Cobra, Silvio Meira, Luís Roberto Barroso e Lobão.

18

Presságios

Bruno Pedrosa, artista plástico cearense, expõe Presságios, mostra itinerante que começa por Fortaleza e vai rodar a América Latina e a Europa. Bruno falou sobre arte e vida em entrevista exclusiva ao Unifor Notícias.

CULTURA & ARTE

20

Unifor Plástica

Confira os premiados da prestigiada Unifor Plástica. A mostra, que está em sua 16ª edição, agrega diferentes formatos de trabalhos artísticos e oferece oportunidades a novos talentos.



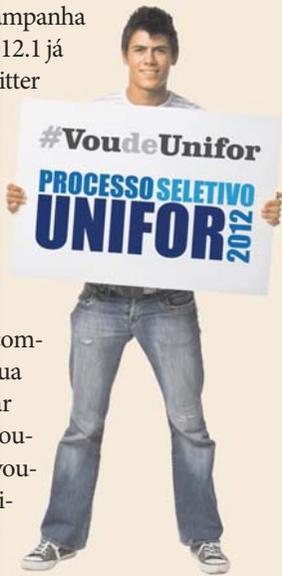
6

9

18

#update

#voudeunifor A campanha do Vestibular Unifor 2012.1 já está nas ruas – e no Twitter também – com a mensagem “Quem quer chegar na frente vai de Unifor #voudeunifor”. Para quem é aluno Unifor, fica o convite para espalhar a hashtag no microblog compartilhando qual foi a sua escolha ao decidir cursar a graduação: Direito #voudeunifor, Jornalismo #voudeunifor, Engenharia Civil #voudeunifor, Medicina #voudeunifor...



#online As inscrições para transferidos e graduados estão abertas e neste edital apresentam uma novidade: elas agora podem ser feitas online. O link para os interessados em começar a estudar na Unifor no próximo semestre está disponível no hotsite Estude na Unifor: www.unifor.br/estudenaunifor. Há vagas para 30 cursos, uma delas como transferido para Medicina. Aproveite essa facilidade e faça sua inscrição!

#cobertura De 17 a 21 de outubro, o Mundo Unifor se destacou pelos diferenciais desta edição, tanto na programação quanto na cobertura do evento. O melhor das quatro palestras principais – com Max Gehringer, Luís Roberto Barroso, Nuno Cobra e Silvio Meira – e do show com Lobão pôde ser acompanhado pelos seguidores da Unifor no Twitter (@UniforComunica) e estão registrados em www.unifor.br/mundounifor. Acesse!

#fotos A Unifor também está no Flickr! A proposta é divulgar a cobertura fotográfica dos principais eventos institucionais da Universidade para que todos possam acompanhar. As fotos do Mundo Unifor 2011 já estão lá: www.flickr.com/photos/uniforcomunica.

#agenda As dicas culturais divulgadas mensalmente aqui podem ser consultadas online. Os espetáculos teatrais podem ser conferidos em www.unifor.br/teatro. Já sobre as exposições no Espaço Cultural Unifor, tem mais informações e serviços em www.unifor.br/espacocultural.

#news 250 milhões de tweets diários é a nova marca do Twitter. Em janeiro, o registro era de 100 milhões de tweets/dia. Um crescimento de 150%! O balanço do microblog também mostra a existência de mais de 100 milhões de usuários ativos que fizeram login há ao menos um mês.

ALUNOS EM DESTAQUE

Ex-aluno é campeão de jiu-jítsu

Aluno Unifor se destaca em qualquer área de atuação. É o caso de André Luiz Mateus Costa, egresso dos cursos de Ciências Sociais e Educação Física. Ele conheceu o jiu-jítsu na Universidade e desde então conquista prêmios com o esporte. No dia 20 deste mês, vai tentar o bicampeonato do maior evento de luta solo norte-americano, o North American Grappling Association (NAGA), em Newark, nos Estados Unidos. No início do ano, André lutou na mesma cidade onde ganhou o cinturão de ouro pela associação americana.

André já foi também professor de lutas na Escola de Esportes da Unifor. “Quando entrei na Universidade, em 1995, fazia karatê. E um colega de sala me apresentou ao jiu-jítsu. Depois eu retornei à Instituição pelo esporte que eu conheci aqui”, ressalta sobre a coincidência.

Atualmente, André dá aulas de jiu-jítsu em três academias de Fortaleza e trabalha no setor de cadastro na diretoria financeira da Nacional Gás, empresa que o patrocina desde 2007. “Agradeço muito à Nacional Gás por continuar me dando a chance de ir a eventos que qualquer atleta gostaria de participar”, afirma.

André foi medalhista de ouro no mundial de jiu-jítsu de 2007 e é o campeão atual da Federação de Jiu-Jítsu do Ceará (FJJ-CE). Além das competições e dos vários outros títulos que coleciona, André ministra seminários. “Hoje meu foco são as lutas e os seminários que faço fora do país. Os seminários são grandes aulas, onde vou para



André Mateus, ex-aluno e lutador de jiu-jítsu, vai competir pelo bicampeonato na categoria expert no dia 20 nos EUA.

mostrar técnicas que uso em campeonatos”, comenta.

O ex-aluno mantém uma dieta rigorosa e faz uso de suplementos de proteínas, aminoácidos e vitaminas. “De manhã cedo, faço cooper; ao meio-dia, musculação. À noite, dou aula. Treino junto com os meus alunos. A dieta é rigorosa, não posso perder peso senão eu perco vantagem”, conta. André compete com lutadores de até 76kg.

“O jiu-jítsu desenvolve a parte cardiovascular, a defesa pessoal, o lado competitivo, a disciplina. É tão bom que levo meus dois filhos, o Ramon de 11 e o Renzo de 3 anos, à academia para irem se iniciando no esporte. Para quem não conhece, aconselho a fazer uma aula experimental. O jiu-jítsu é uma arte suave. É uma luta baseada em alavancas, chaves que exigem o mínimo de esforço para sair de uma situação de perigo. Sou graduado em kung-fu e karatê, mas o jiu-jítsu é que me encantou”, acrescenta.

Alunos premiados na etapa estadual do Desafio Sebrae 2011

Alunos do curso de Engenharia de Produção chegaram à etapa final estadual do Desafio Sebrae 2011. A entrega da premiação foi no último dia 19 de outubro, no Centro de Negócios do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

O Desafio Sebrae é uma competição nacional que con-



Ricardo Victor Castro, Pedro Maciel, Davi de Sousa e Brenno Melo: alunos premiados no Desafio Sebrae.

siste em um jogo virtual que simula o dia a dia de uma empresa durante mais de seis meses. O objetivo é estimular o empreendedorismo de jovens universitários que se reúnem em grupos de no mínimo três e no máximo cinco participantes. O tema deste ano foi a indústria de bicicletas.

Ricardo Victor Gomes de Castro, do terceiro semestre do curso de Engenharia de Produção, compôs a equipe da Unifor ganhadora. Foram nove equipes no estado premiadas. Ricardo afirma que a experiência foi inesquecível. “Ter chegado à final estadual já foi muita coisa. O jogo consegue abranger conhecimento de gestão, marketing, decisões sobre o que comprar, onde investir e desenvolve o lado empreendedor dos participantes. Tivemos que dedicar horas de estudo para poder administrar adequadamente a nossa estratégia. Próximo ano, com certeza, participaremos de novo”, avalia.

Na equipe de Ricardo, chamada Sinergia, também estavam: Pedro Santiago Maciel e Davi Sampaio de Sousa, alunos do 4º semestre de Engenharia de Produção da Unifor, e Brenno Teixeira de Alcântara Melo, do 2º semestre de Engenharia Civil da UFC.

ARTIGO

por **Gina Marcílio Pompeu**
e **Nardejane Martins**



Novas famílias do século XXI: o reconhecimento e a positivação da união entre pessoas do mesmo sexo

Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal brasileiro decidiu sobre a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4277 e estendeu a regulamentação da união estável entre homem e mulher às uniões entre pessoas do mesmo sexo, denominadas de homoafetivas. A decisão acolheu por fundamento os princípios constitucionais da igualdade, liberdade e dignidade humana. Observa-se que, apesar da decisão do Poder Judiciário, a regulamentação do núcleo familiar homossexual deve ser concretizada por lei oriunda do Congresso Nacional, haja vista que compete ao Poder Legislativo esta função no Estado Democrático de Direito.

Diante da ausência de legislação expressa à união entre pessoas do mesmo sexo, não se pode presumir que não seja permitida a formação de núcleo familiar por homossexuais. Uma vez provocado, não pode o Poder Judiciário omitir-se alegando ausência de legislação específica ao caso. O STF foi chamado a decidir sobre a ADIN de nº 4.277 e assim o fez, usando interpretação sistemática e extensiva com fulcro nos artigos da Constituição brasileira.

Essa decisão teve efeito vinculante, gerou efeitos *erga omnes* e estendeu os direitos e obrigações das uniões estáveis heterossexuais às uniões homoafetivas. Pondera-se para o fato de que muitos juízes, juristas e a população em geral não concordam com a decisão do Pretório Excelso, por a considerarem inconstitucional. Guiam-se por valores pessoais, familiares, mas sobremaneira pela interpretação literal do art. 226, §3º da C.F., oriundo da elaboração do poder constituinte, que previa a proteção estatal para a união estável entre homem e mulher.

O STF inovou ao estender a interpretação sobre

as uniões estáveis a casal homossexual, que a partir de então podem ser registradas em qualquer cartório de registro de pessoas. Permanece a dúvida sobre a realização do casamento homossexual, ainda que muitos pedidos de conversão tenham sido aceitos pelo judiciário. A questão é controversa, pois contrasta com os padrões sociais de “normalidade”. A procedência da ADIN nº 4.277 perpassa direitos de filiação, previdenciários, sucessórios, tributários, entre outros.

Questiona-se se a decisão do STF foi uma demonstração de ativismo judicial, que invade a função legislativa do Congresso Nacional, pois, apesar da interpretação principiológica, o texto constitucional não foi modificado.

O Ministro Lewandowski entende que não há como se encaixar a união homoafetiva entre as situações previstas no art. 226 da C.F. Não é viável a interpretação extensiva, sem interferir na seara do Poder Legislativo, e assim negligenciar o princípio da separação dos poderes, cláusula pétrea da Constituição. O rol das espécies de famílias previstas no art. 226 é exemplificativo, porém persiste a diferença entre união estável heterossexual e homossexual, que necessita de previsão legal.

A família foi pluralizada com o advento da Constituição de 1988. Existem positivados três modelos de núcleo familiar: o realizado pelo casamento; a união estável entre homem e mulher; e a entidade familiar formada por um dos pais e a prole, ou família monoparental. Entretanto, não se deve interpretar o rol do art. 226, CF/88, como taxativo, pois existem outros tipos de famílias: as recompostas; as paralelas; as anaparentais; e as formadas pela união entre pessoas do mesmo sexo ou, como são denominadas

por Maria Berenice Dias, homoafetivas.

A medida cabível para preencher a lacuna legal, antes de ser o “bom ativismo judicial”, é a promulgação de lei, ou emenda constitucional, que trate sobre os direitos homossexuais. Cabe ao Poder Legislativo a função de legislar sobre a regulamentação de fatos a serem incorporados ao ordenamento jurídico nacional. A OAB e o IBDFAM elaboraram uma Proposta de Emenda Constitucional e o Estatuto da Diversidade Sexual, que devem ser apresentados e discutidos pelos parlamentares no Congresso Nacional.

A família é eudemonista e tem como escopo a felicidade individual de seus componentes. Não há mais a transpessoalidade prevista no Código Civil de 1916, quando os conceitos de casamento e de família se confundiam. O Estado, ao negar a possibilidade de formação de famílias por homossexuais, afronta princípios constitucionais. A negligência estatal faz perseverar a restrição da autonomia e a mitigação da dignidade humana. Negar o direito de formar entidade familiar por homossexuais confronta a própria ideia de democracia. A observação da realidade, da tolerância à diversidade e a revisão de conceitos são essenciais para fazer fluir o regime democrático, que tem como sustentáculo os pilares da liberdade e da igualdade e como fundamento a dignidade humana.

■ **Gina Pompeu** é doutora em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Pernambuco e diretora do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade de Fortaleza.

■ **Nardejane Martins** é aluna do curso de Direito da Unifor e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

acontecendo



Crianças da rede de ensino público interagem com vídeo sobre fração matemática através de controle remoto. É a TV digital como ferramenta da educação.

TV digital no auxílio à educação

Projeto do curso de Ciência da Computação visa utilizar os recursos da TV digital como ferramenta para o aprendizado. Em foco: crianças de escolas públicas de 10 a 14 anos estudando fração matemática.

Que tal aprender matemática através da televisão? E que tal fazer perguntas ao professor também através dela, usando o controle remoto? O projeto “Apoio à capacitação de recursos humanos para o ensino-aprendizado da matemática através de um ambiente de educação a distância na TV digital interativa brasileira”, do curso de Ciência da Computação, objetiva usar a televisão digital como ferramenta para a educação a distância. O conteúdo educativo é fração matemática e os participantes são alunos da rede pública de ensino entre 10 e 14 anos.

O projeto é realizado pelo Laboratório de Estudos do Usuário e da Qualidade de Uso de Sistemas (LUQs) da Universidade de Fortaleza e conta com a parceria da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). “O LUQs avalia a interação das pessoas com o computador e, no caso, agora com esse projeto, ele está avaliando a interação das pessoas com a TV digital. O objetivo é desenvolver o conhecimento de como produzir um conteúdo digital técnico, com usabilidade, boa comunicação e embasamento pedagógico”, observa a coordenadora do projeto, Elizabeth Furtado.

Iniciado em 2009 e com previsão para terminar no próximo ano, o projeto já operacionalizou várias etapas: a definição dos conteúdos dos cursos, a elaboração de um software para o professor colocar o curso na internet e a concepção do sistema para o aluno ver o curso na TV e interagir com o seu conteúdo. Cinco experimentos já foram realizados até agora. “As crianças convidadas aprendem sobre as possibilidades da TV digital, interagem com o conteúdo e respondem a questionários”, resume Elizabeth. As crianças utilizam o controle remoto para fazer a interação com o conteúdo do programa e para responder aos exercícios propostos.

Mudanças e ajustes fazem parte do projeto. “Os conteúdos dos cursos evoluíram, assim como os conceitos e elementos de comunicação. E também questões da inter-

face com a TV digital. Ainda não estamos satisfeitos com o espaço para poder montar o conteúdo e queremos aumentar o controle que o usuário tenha sobre a interatividade”, enfatiza Elizabeth.

O próximo passo já está definido: o uso do celular com a mesma proposta pedagógica e interface de interatividade. O projeto conta com o financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e é composto por uma equipe com dois graduandos, três mestrandos, dois doutorandos e um técnico.

Rafaela Ponte Lisboa é uma das alunas que integram a equipe. Ela é doutoranda em Educação Brasileira pela FACED/UFC. Jornalista e pedagoga, iniciou seus estudos no LUQs como aluna de mestrado e agora dá continuidade a suas pesquisas no doutorado. “Este projeto é muito importante. Ele é um gerador de conteúdo a partir de metodologias que têm preocupação com o papel do aluno mais ativo. Ele amplia a educação com a nova tecnologia, favorecendo o ensino-aprendizado através de novas propostas. Além do aprendizado de matemática, as crianças estão tendo acesso e conhecimento sobre uma outra tecnologia. O projeto é também perceber a importância de utilizar a tecnologia num contexto social”, comenta.

Crianças de três escolas participaram do projeto até agora. As da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Francisco Maurício de Matos Dourado, por exemplo, experimentaram o conteúdo e a proposta de interatividade no mês passado. A diretora, Maria Silvana Azevedo Marques, avalia de forma positiva a proposta de parceria. “Nós, enquanto escola, entendemos que precisamos fazer parte dessas experiências que visam facilitar o aprendizado e melhorar a qualidade do ensino, principalmente em conteúdos como frações, em que geralmente os alunos apresentam muita dificuldade. Além de os alunos terem tido o contato com o conteúdo de uma forma nova, tiveram acesso a um outro tipo de tecnologia”, afirma.

Jornada de Avaliação Psicológica

A Unifor realiza, dia 4 de novembro, a 1ª Jornada Cearense de Avaliação Psicológica. O evento ocorrerá no Teatro Celina Queiroz, das 8 às 18 horas. Inscrições abertas para ouvintes no site www.unifor.br ou na recepção do Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) do Nami (3477 3644).

1ª Jornada Cearense sobre Direitos Humanos e Saúde Mental

Com o objetivo de avaliar o estágio da atual reforma psiquiátrica, a Universidade de Fortaleza promove no dia 7 deste mês uma discussão sobre “Direitos humanos e saúde mental”. O debate acontece a partir das 8h no Teatro Celina Queiroz e reúne profissionais de diferentes áreas do conhecimento que atuam e desenvolvem pesquisas acadêmicas relacionadas à temática.

Lançamento de Livro

No dia 8 de novembro, haverá o lançamento do livro “Jurisdição Constitucional e Direitos Fundamentais”. A publicação é organizada por Tércio Aragão Brillhante e Vanessa Batista Oliveira, com apresentação da diretora do Centro de Ciências Jurídicas da Unifor, Gina Pompeu. O livro se divide em oito capítulos, que debatem a estrutura do Judiciário, seu papel como garantidor de direitos fundamentais, o STF e sua politização, as origens do controle de constitucionalidade, o papel do Senado nesse controle, a função social da propriedade e o Judiciário como garantidor de direitos sociais. O evento acontece às 17h30 no auditório A3. A entrada é gratuita e as inscrições serão feitas no local.

Estágio de Administração

O Tribunal de Justiça do Ceará (TJ/CE) está com inscrições abertas para alunos do curso de Administração interessados em estagiar. São 10 vagas ao todo. É requisito ter média igual ou superior a 7, não possuir registro de reprovações no histórico escolar, ter cumprido no mínimo 50% do curso e não estar cursando os últimos dois semestres. As inscrições podem ser feitas até o dia 8 de novembro, na coordenação do curso de Administração. Mais informações: 3477 3192.

Ciberdebates

Vem aí a 4ª edição do Ciberdebates, que traz como tema de discussão “Jornalismo sentado x Jornalismo em pé: o que muda na rotina do jornalista?”. O evento é promovido pelo curso de Jornalismo e ocorrerá no próximo dia 29, às 8 horas, no auditório da Biblioteca. Aberto ao público com entrada gratuita.

Quando o alimento torna-se vilão

Programa de extensão trata pacientes com transtornos alimentares e obesidade sob uma abordagem transdisciplinar e a custo zero. Fundado em 2005, o projeto agrega profissionais e alunos de Nutrição, Psicologia e médicos residentes em Psiquiatria. O objetivo é a reeducação alimentar com atenção aos problemas psicológicos atrelados ou causadores das disfunções alimentares.

Luiz Orlando Abreu Júnior possui compulsão alimentar há muito tempo. Com o sobrepeso, veio a diabetes, a pressão alta e o colesterol acima do nível normal. “Nunca me preocupei com nada. Não me preocupava com os demais da minha família, minha esposa e filhos”, resume sobre o problema. Em junho do ano passado, no entanto, Luiz iniciou um tratamento para o seu transtorno e diz que o cenário mudou. “O programa só tem me dado prazer. Aprendi a viver novamente. Aqui o pessoal absorve a gente. A nutricionista diz para mim ‘não quero que você emagreça, quero conhecer você’. A nutricionista não me proíbe de comer nada. Ela me deixa bem à vontade”, avalia o atendimento recebido do Programa Interdisciplinar de Nutrição aos Transtornos Alimentares e Obesidade (Pronutra), da Universidade de Fortaleza.

Fundado em 2005, o Pronutra oferece como diferencial a interdisciplinaridade da assistência profes-

sional e um novo conceito em como lidar com dietas e como abordar o paciente. “Aqui no Pronutra, não existe a preocupação excessiva com dieta. É um atendimento peculiar, com autoavaliação. O tratamento é através da reeducação alimentar, da educação nutricional. Cada paciente é atendido e esclarecido de acordo com o seu perfil. A forma como a gente vai trabalhar o conteúdo pode até incluir atividades lúdicas, fantoche, objetos plásticos. A gente se aproxima da realidade do paciente, principalmente porque a maioria dos que passam por aqui já experimentaram todos os remédios e programas de emagrecimento, e sempre chegam com a sensação de fracasso”, explica a coordenadora do programa, Myriam Fragoso.

TRANSTORNOS

De acordo com a coordenadora, a maioria dos transtornos alimentares acomete adolescentes e

adultos jovens do sexo feminino. Dos cerca de 20 pacientes do Pronutra, atualmente apenas dois são do sexo masculino. “Um transtorno alimentar é algo que não tem um processo etiológico-patológico definido e pode ser desencadeado por vários fatores – sociais, psíquicos, genéticos, culturais, familiares – combinados em maior ou menor grau. O caso mais comum é a compulsão alimentar periódica, no qual a pessoa tem a sensação de descontrole sobre o que come, fica com sentimentos negativos em relação a si própria, mas não utiliza métodos compensatórios, como o uso de diuréticos, laxantes, o vômito autoinduzido, etc.”, acrescenta Myriam.

Anorexia, bulimia são outros exemplos de transtornos alimentares. Para mais ou para menos, as pessoas com um transtorno têm no peso, ou na variação deste, o ponto nevrálgico.

Diferentemente dos demais programas do Núcleo de Atenção Médica Integrada (Nami) da Universidade, para participar do Pronutra, basta ter cadastro no Sistema Único de Saúde (SUS). “Há um subdiagnóstico na ponta. Os profissionais geralmente não são capacitados para diagnosticar o transtorno alimentar. Aqui há o diagnóstico do transtorno alimentar como uma doença”, justifica Myriam a não exigência do encaminhamento a um posto de saúde.



Geraldo Magela de Carvalho tem uma filha de 19 anos com anorexia nervosa há mais de seis anos que está sendo tratada no Pronutra há pouco mais de um ano. Ela já fez tratamento com psicólogos particulares e de convênio. “O tratamento é muito bom e ela já teve uma melhora. Quando chegou aqui, o caso já estava mais estabilizado, mas ela passou quase três anos sem vida, só dormia. Parou de estudar na 7ª série, mas agora está cursando a 9ª série, fazendo supletivo e um curso de informática”, enumera as mudanças efetivas do quadro.



Raíssa Rabelo Marques está no 11º semestre do curso de Psicologia e é uma das dez extensionistas do Pronutra. Ela diz que procurou o estágio no programa por ter interesse forte na temática. Segundo ela, a troca de informações entre profissionais enriquece muito o conteúdo e a experiência apreendida. “Acho a proposta do programa ótima por ser interdisciplinar. A interdisciplinaridade é boa para mim, por ter contato com outros profissionais, e para os pacientes, por serem vistos sob diversos olhares”, afirma.



Ana Cristina Lima de Castro está cursando o 7º semestre do curso de Nutrição e desde maio deste ano está estagiando no Pronutra. “Eu sempre quis trabalhar com transtorno alimentar. Aqui temos uma visão diferenciada. Há um grande apoio para as discussões e análises dos casos clínicos. Apesar de serem casos complicados, por termos uma equipe multidisciplinar, acho que obtemos um resultado bem significativo. E, apesar de lento, o tratamento aqui é mais amplo”, avalia.

TRIAGEM

A triagem para o programa é feita por uma equipe interdisciplinar composta por psicóloga, nutricionista e psiquiatra. “A pessoa agenda um atendimento e na triagem a gente faz um apanhado biopsicossocial desse potencial paciente. A equipe entra em consenso se ela possui ou não o transtorno alimentar. Se ela não tem, pode ser encaminhada para o ambulatório de Nutrição do Nami ou, se for constatado apenas o quadro clínico de depressão, por exemplo, ela é encaminhada para o setor de Psicologia. O paciente é contemplado de alguma forma, nunca fica sem assistência”, enfatiza Myriam.

ATENDIMENTO

Quando a pessoa tem o transtorno, é contemplada com um acompanhamento semanal. O atendimento é dividido em dois grupos: às segundas-feiras, são tratados os pacientes que possuem algum transtorno alimentar, mas que não fazem uso de métodos compensatórios; às quartas, o atendimento é dedicado aos que fazem uso de métodos compensatórios. Independente do dia, cada paciente passa por duas avaliações – a da nutrição e a da psicologia, com 50 minutos cada seção. “O paciente pode ainda passar por um médico residente em Psiquiatria, dependendo da gravidade do caso”, acrescenta Myriam.

O Pronutra é um programa de extensão vinculado ao curso de Nutrição, mas é também composto por profissionais e alunos do curso de Psicologia e médicos residentes em Psiquiatria do Hospital Mental de Messejana, parceiros do programa.

MULTIDISCIPLINAR

Às quartas, após as 17 horas, é feita uma sessão clínica entre os profissionais das três áreas do pro-

grama. “Toda a equipe discute os casos. É o pensar estratégico perante cada caso. O mais legal é que a sessão é aberta ao público, acontece na sala do primeiro andar do Nami”, ressalta Myriam. As exposições ocorrem sem a divulgação do nome dos pacientes. Para a realização das sessões, a coordenadora garante que todo semestre é feita uma capacitação para haver uma equiparação da linguagem clínica entre nutricionistas, psicólogos e psiquiatras.

LONGA DURAÇÃO

Geralmente, os tratamentos feitos no Pronutra são longos porque envolvem também questões psicológicas. “A duração do tratamento varia muito. Já teve casos em que em menos de um ano o paciente recebeu alta e já houve um outro em que a pessoa passou quatro anos conosco”, comenta Myriam. A coordenadora da área de Psicologia do Pronutra, Raquel Barsi, afirma que os pacientes chegam ao programa com relações de vida e familiares “tristes” e que primeiro é necessário lidar com os problemas de ordem psicológica. “O transtorno alimentar é um sintoma. A relação com o alimento tem um pouco a ver com essas relações sociais problemáticas. Às vezes a gente, enquanto profissional, tem que se esquecer do transtorno alimentar. A mudança de comportamento alimentar é o objetivo do programa. A mudança de peso é uma consequência disso, e isso é uma inversão do que eles estão acostumados a ter”, afirma.

■ **Para estudantes.** Alunos interessados em estagiar no Pronutra devem entrar em contato com o programa. O processo seletivo é através de prova escrita e oral. Alunos do curso de Nutrição precisam estar cursando a disciplina de Formação Profissional V, e os de Psicologia precisam estar matriculados na disciplina de Psicologia Clínica.

SAIBA MAIS

- **Transtorno alimentar** pode causar severos danos à saúde de um indivíduo. Geralmente apresenta suas primeiras manifestações na infância e na adolescência. A grande maioria dos casos, estima-se em 90%, ocorre em mulheres jovens.
- **Anorexia nervosa** é um transtorno alimentar caracterizado por uma insuficiente dieta alimentar autodeterminada pela pessoa, desencadeando peso corporal abaixo do normal (85% ou inferior ao nível normal). Em mulheres, a anorexia é determinada também pela ausência de ao menos três ou mais menstruações.
- **Bulimia** é outra disfunção alimentar. É caracterizada pela compulsão alimentar – a pessoa ingere uma grande quantidade de alimentos em um curto período de tempo, sente sensação de desconforto ou descontentamento sobre o que come e em seguida faz uso de métodos compensatórios, como jejuns, vômitos autoinduzidos, laxantes e diuréticos, para evitar o ganho de peso. Para se designar um caso de bulimia, é necessário que os atos tenham ocorrido pelo menos duas vezes por semana nos últimos três meses.
- **Fortaleza** é a quarta capital brasileira em obesidade no Brasil. 47% da população está acima do peso considerável saudável. (Fonte: Ministério da Saúde)
- **Para saber** o peso ideal em adultos, é usada em geral a fórmula do índice de massa corporal (IMC): peso dividido pela altura ao quadrado (peso/altura²). Se o resultado ficar entre 18,5 e 24,9kg/m², a pessoa está com estado nutricional considerado saudável; entre 25 e 29,9kg/m², a pessoa está com sobrepeso; de 30 a 34,9kg/m², com obesidade; de 35 a 39,9kg/m², obesidade grau 2; igual ou maior que 40kg/m², obesidade grau 3.

Direitos no tratamento do câncer infanto-juvenil

Aluna do curso de Direito aborda em sua monografia os benefícios concedidos pelo governo às famílias, principalmente as de baixa renda, que têm filhos em tratamento contra o câncer no Brasil.



Camila Assis Ribeiro: "A monografia é um espaço para chamar a atenção para o problema e a minha maneira de dar uma contribuição".

A aluna Camila Assis Ribeiro, em seu trabalho de conclusão de curso (TCC), está chamando a atenção para um assunto por vezes esquecido: os transtornos enfrentados por famílias, principalmente as de baixa renda, que têm seus filhos internados para tratamento contra o câncer. A aluna, na verdade, aborda os direitos pertencentes a essas famílias de fato.

Camila escolheu um tema relacionado à sua iniciativa como voluntária da Associação Peter Pan. A organização não-governamental fundou em novembro do ano passado o Centro Pediátrico do Câncer (CPC), atualmente considerado o hospital de referência no tratamento do câncer infanto-juvenil no estado.

Sob o título "Aquisição do direito no tratamento do câncer infanto-juvenil", Camila retrata os direitos assegurados a famílias brasileiras cujas crianças estão em tratamento de câncer. E depois, por meio de uma pesquisa de campo, especifica os benefícios mais procurados no caso de Fortaleza através do centro pediátrico. "São 1.850 crianças e adolescentes em tratamento contra o câncer no CPC. Muitas mães tiveram que largar o emprego para tratar exclusivamente do filho e muitas outras deixam tudo em suas cidades para acompanhá-los. A grande maioria das famílias precisa de suporte", afirma a aluna sobre a situação.

Entre os benefícios a que as famílias têm direito, destaca-se o da ajuda de custo no valor de um salário mínimo. "As mães o chamam de aposentadoria. A família precisa ter renda familiar inferior a um quarto do salário mínimo e a criança ser considerada deficiente por causa do tratamento, ou seja, pela fragilidade física, a criança não pode ficar em aglomerações ou não pode trabalhar, por exemplo. Como a maioria das famílias vem do interior e como a mãe ou o pai fica desempregado por causa da doença do filho porque tem que acompanhá-lo no tratamento, elas entram com o pedido junto ao INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social)", explica.

Outro direito importante ressaltado por Camila é o do traslado até Fortaleza concedido pela prefeitura do município no qual as famílias possuem residência. "O transporte é dado para assegurar uma melhor assiduidade no tratamento", acrescenta. Segundo a

aluna, a Associação Peter Pan concede ajuda extra às famílias. "Os principais são cestas básicas e vale-transportes para Fortaleza e região metropolitana", afirma.

Em sua pesquisa de campo, Camila conta 12 famílias entrevistadas até agora. "Primeiro procuro saber como foi o atendimento ao direito à saúde de uma forma geral, sobre como foi e quando tiveram o diagnóstico da doença; segundo, se tiveram conhecimento dos direitos que lhes cabiam; terceiro, se obtiveram o direito principal, que é o junto ao INSS". A aluna também entrevistou um psicólogo, uma assistente social e um médico. "A opinião dos profissionais é importante para saber se os benefícios têm alguma influência sobre o tratamento ou sobre a assiduidade no tratamento", afirma.

Além de retratar a realidade dessas famílias através de amostras, a monografia já tem, ao que tudo indica, um destino certo: virar cartilha para as famílias obterem as informações sobre seus direitos de forma clara. "A ideia é da minha orientadora e da psicóloga da Associação Peter Pan", conta animada.

Camila é voluntária da ONG desde 2009. Ela diz que já conhecia de uma forma geral as circunstâncias

das famílias com crianças em tratamento e os benefícios aos quais elas tinham direito, mas ressalta que, com seu estudo, deparou-se com uma perspectiva diferente do problema.

"Sou voluntária na brinquedoteca. Estou mais em contato com crianças que vão ao hospital para fazer quimioterapia e podem voltar para casa. Com essa pesquisa, veio o choque de uma outra realidade: a realidade das crianças internadas, das famílias que não têm condições financeiras e que fazem o possível e o impossível para o tratamento e o conforto de suas crianças. O que me chocou muito mais foi ver as mães não conseguirem o auxílio do INSS. Achei que fosse mais fácil para elas conseguirem o benefício", destaca.

A professora do curso de Direito Roberta Vasques diz que a sua orientanda sempre quis um tema mais humanizado e um trabalho mais prático. "Um dos critérios para a monografia é a relevância social. O tema da Camila, além do aspecto acadêmico, tem um objetivo social. E a pesquisa de campo sempre enriquece, torna-se o diferencial. Outra coisa interessante é a interdisciplinariedade do conteúdo; ela aborda questões que envolvem a medicina também", avalia.

ESPORTE

Campeã no Desafio Universitário

A Universidade de Fortaleza ganhou quatro de seis modalidades de jogos disputados na primeira edição do Desafio Universitário Unifor de Esportes. O evento ocorreu de 17 a 22 de outubro, integrando as atividades da quinta edição do Mundo Unifor. Ao todo, foram mais de 300 atletas universitários do Norte e Nordeste divididos nas modalidades de futsal, basquete e vôlei. A premiação contou com a participação de autoridades, dirigentes do esporte no estado e patrocinadores do evento. Confira os resultados:

• Futsal Feminino

1º Unifor
2º Ateneu
3º UFC

• Futsal Masculino

1º Unifor
2º Ateneu
3º UFC

• Basquete Feminino

1º Unifor
2º Unice
3º IFCE

• Basquete Masculino

1º Fac. Católica do Ceará
2º Unifor
3º UFC

• Voleibol Feminino

1º Unifor
2º UFC
3º UVA/IDJ

• Voleibol Masculino

1º UVA/IDJ
2º Unifor
3º UFC



Um mundo sofisticado, de possibilidades e ainda por ser descoberto

A quinta edição do Mundo Unifor aliou ciência, cultura e tecnologia e mostrou o dia a dia surpreendente da Unifor. O evento reuniu de 17 a 21 de outubro dezenas de atividades no campus: os encontros científicos, a mostra Unifor Plástica, o I Desafio Universitário Unifor de Esportes, a Jornada Internacional de Direito Constitucional Brasil, Espanha, Itália, a palestra com João Candido Portinari, entre outros eventos. E mais: abriu suas portas para crianças com o Mini Mundo e para adolescentes com o Unifor Experience. O Mundo Unifor foi além e trouxe profissionais de renome nacional para abrilhantar e celebrar a cada dia da semana uma área do conhecimento: administrativa, humanas, jurídica, da saúde e tecnológica. O Unifor Notícias apresenta agora entrevistas exclusivas com cada um deles para enriquecer com visões de vida tão diferentes o seu mundo.

ENTREVISTA

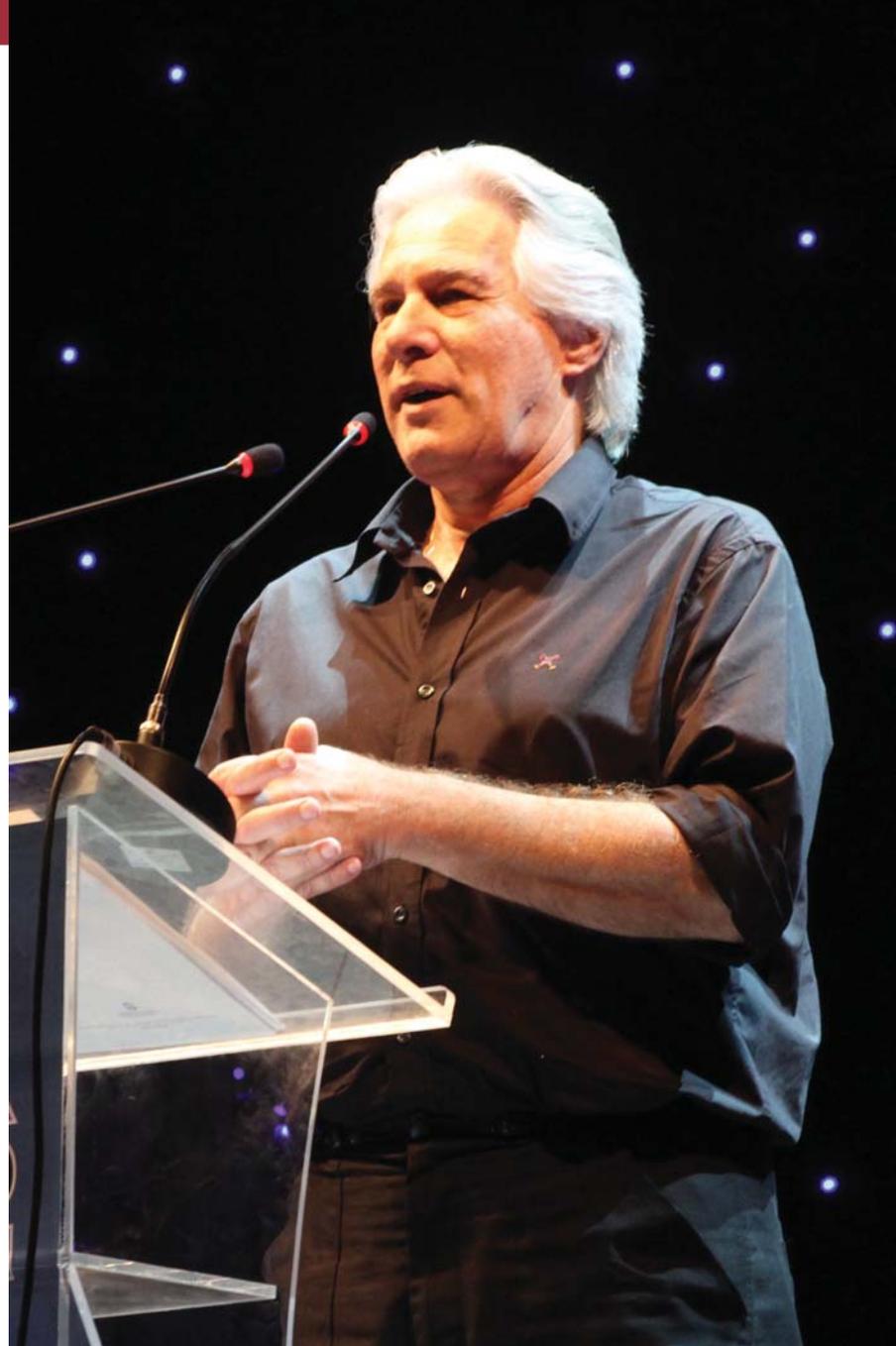
com Max Gehringer

“Sou a favor do profissional generalista”

Max Gehringer é administrador e escritor. Ficou conhecido nacionalmente por suas colunas sobre empregabilidade, comportamento profissional e motivação no trabalho em revistas nacionais como Época e Você S.A., na rádio CBN e no programa Fantástico da TV Globo.

Gehringer teve seu primeiro emprego aos doze anos como auxiliar de faxina. Sua ascensão profissional chegou ao topo de uma carreira de executivo em grandes empresas, como Pepsi-Cola e Pullman, onde foi presidente. Mas aos 49 anos deixou a carreira bem-sucedida e foi ser escritor. Entre seus livros, estão: Não Aborde seu Chefe no Banheiro, Relações Desumanas no Trabalho e Emprego de A a Z.

Pós-graduado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), apoia a ideia de um profissional generalista, e inclusive define-se como tal. “A diferença de uma área para a outra é nenhuma porque todas são compostas por pessoas que precisam ser entendidas”, diz. Falante e bem humorado, Gehringer concedeu entrevista ao Unifor Notícias antes de subir ao palco como primeiro palestrante do Mundo Unifor.



Unifor Notícias*: Qual a importância de uma universidade na construção de uma carreira de sucesso?

Max Gehringer: Hoje é fundamental. Nós tivemos uma época no Brasil, que deve ter acabado há uns trinta anos aproximadamente, em que um diploma de nível superior era um diferencial. O Brasil na época ainda não tinha classe média, existiam os muitos pobres e os muito ricos. Nesse caso, quem tinha o curso superior tinha uma garantia absoluta de sucesso profissional. A partir da década de 90 no Brasil, começamos a ver um aumento do número de faculdades, um aumento do número de pessoas que podiam cursar uma faculdade, os preços ficaram mais acessíveis, a quantidade de cursos aumentou muito, a quantidade de vagas aumentou muito. Então, chegamos a um ponto em que quem não tem um curso vai ficar muito para trás. Se houve uma época em que ter um curso superior era sair na frente, hoje é preciso ter um curso superior para não ficar para trás.

Unifor Notícias*: Como o senhor avalia o fato de que mestres e doutores cada vez mais estão sendo absorvidos pelas empresas?

Max Gehringer: Diria que mestres e doutores estão entrando em empresas porque eles estão procurando emprego em empresas. Não acho que as

empresas estão necessariamente procurando mestres e doutores. Talvez porque pesquisador neste país não ganhe o suficiente para a pessoa se sentir feliz. A empresa recebe de muito bom grado uma pessoa que tem um doutorado e se disponha a fazer algo que é diferente ao mundo de pesquisa. O mundo da pesquisa é, como eu poderia dizer sem ofender ninguém, mais lento. Você pode esperar muito tempo até obter um resultado, fazer o mesmo experimento cinco, seis vezes até ter certeza absoluta de que aquilo vai funcionar. E na empresa, como se sabe, é preciso tomar uma decisão com 30% de dados e acertar em 99% dos casos. Essa é a vida do executivo. Mas ter alguém com tremendo conhecimento que se disponha a se encaixar na vida corporativa é uma maravilha. Eu imagino também que, se existe essa migração de mestres e doutores no mundo corporativo, é porque o que está sendo oferecido é bastante atrativo. Isso é bom ou é ruim? É bom. Significa que do lado de lá, na parte de pesquisa, precisa se pagar um pouco mais para manter esse pessoal.

Unifor Notícias*: O que tem mais peso no mercado: ser um profissional generalista ou ser focado em uma área específica?

Max Gehringer: Eu sou a favor do profissional gene-

ralista, eu sou um profissional generalista. Eu trabalhei em três ou quatro áreas diferentes e quando pulei de uma para outra não tomei nenhum susto. Eu sempre achei que a diferença de uma área para outra é nenhuma porque todas são compostas por pessoas que precisam ser entendidas e, se a gente conseguir entender as necessidades das pessoas e fazer com que elas se sintam bem, o mundo funciona muito bem. O conhecimento específico para desempenhar uma função não é muito complicado. ‘Para onde eu vou agora?’ ‘O que eu preciso estudar?’ ‘O que eu preciso fazer?’ Hoje nós temos alguns setores onde nós precisamos desesperadamente de especialistas. O setor de informática, por exemplo, não pode ter generalistas. A gente precisa cada vez mais de especialistas nessa área. Então, nós abrimos o mercado de trabalho em duas frentes: a frente dos generalistas, que se dá muito bem, e a frente dos especialistas, que também se dá muito bem. A pessoa só precisa se decidir o que ela é. Se ela funciona melhor aprendendo uma coisa só, se aprofundando cada vez mais naquilo até saber tudo sobre uma coisa o suficiente para ela ganhar uma fortuna porque ninguém sabe tudo quanto ela. Ou se é uma pessoa que se sente bem pulando de uma empresa para outra, de um ramo para outro, de uma atividade

para outra. A pessoa precisa se entender e não procurar a resposta no que o mercado está querendo, precisa saber o que ela quer.

Unifor Notícias*: *Que dicas o senhor pode dar a um jovem que está procurando o primeiro emprego?*

Max Gehringer: Faça um curso técnico antes de fazer uma faculdade. O índice de empregabilidade em um curso técnico é de 92%. Para quem faz uma faculdade, supondo que a pessoa nunca trabalhou na vida, o índice de desemprego é altíssimo. Isso porque nós pulamos o curso técnico no Brasil de uns tempos para cá. E com isso nós criamos um enorme vácuo para técnicos; nós não temos mais marceneiro, pintor, pedreiro, mecânico, está faltando tudo. Quem consegue fazer isso vai conseguir emprego mais fácil. Muitos jovens dizem assim: 'Ah, mas será?'. A opção aqui não é entre curso técnico ou superior. Não existe essa opção. A opção são as duas. Faça as duas. Você faz o técnico e depois você faz o superior. O que acontece é que, quando o jovem faz um curso técnico, está trabalhando há um ano, dois anos em uma empresa, ele tem uma visão muito melhor das diversas áreas para escolher o curso que vai fazer. Como é que eu posso optar para o curso superior? Preciso conhecer as áreas. Se eu quero fazer Administração, o que é a malha administrativa? Essa é uma dica. Não deixe de fazer o curso superior e todos os cursos que vêm depois. A cada ano que passa, como mais gente completa o curso superior, tem que fazer o próximo, que é uma pós-graduação. Quando todo mundo tiver uma pós, eu tenho que fazer um MBA. Isso não para nunca. Mas, ao pular o curso técnico, nós criamos uma situação estranhíssima no mercado em que técnicos conseguem ganhar mais do que bacharéis. E algo está errado. Eles conseguem emprego ganhando mais exatamente porque não existe oferta de mão-de-obra. Imagina que a torneira da sua casa está pingando, aí você liga para um mecânico, que já não está fácil de se achar, aí é muito provável que ele vai dizer que vai na semana que vem, porque a agenda dele está lotada. Agora, se você precisar de um advogado, você consegue um amanhã cedo porque está sobrando. Os jovens estão ignorando esse fato.

Unifor Notícias: *Aos 49 anos, o senhor saiu de um emprego como presidente de uma empresa e foi se dedicar à carreira de escritor. Por quê?*

Max Gehringer: Porque nós temos duas estatísticas no Brasil que estão indo em direções opostas. Uma delas é que a velhice nas empresas chega muito rápido. Aos 45 anos, as pessoas já são velhas nas empresas, só que a expectativa de vida útil do brasileiro está aumentando muito. Eu já tinha na cabeça desde os meus 30 anos de idade que em algum momento eu tinha que sair, e eu tinha que sair antes que alguém achasse que eu tinha que sair, tinha que fazer o meu plano. A grande dúvida era: eu trabalhei a minha vida inteira em empresas, então o que eu vou fazer, o que eu posso fazer? Também não adianta

parar e não fazer mais nada. Das coisas que eu achava que eu podia fazer, uma delas era escrever, então eu passei dez anos escrevendo para mim mesmo. Dos 35 anos em diante, eu escrevia. Às vezes, eu escrevia a mesma história umas 20 ou 30 vezes, lia, rasgava. Ninguém leu durante esses dez anos nada do que eu escrevi, mas quando eu comecei eu tinha um estilo pronto que eu tenho até hoje. Então, eu me preparei muito bem para dar esse salto depois. Obviamente, eu não esperava o que aconteceu depois – eu queria ser escritor, eu não pensei trabalhar em rádio, televisão, esse tipo de coisa que eu faço hoje, mas aconteceu e foi maravilhoso. A dica é: prepare-se porque a sua vida útil numa empresa está cada vez menor, com tanto jovem inteligente, bonito, bem formado, ambicioso entrando em empresas. As pessoas daqui a dez anos vão ser muito velhas aos 40 anos para as empresas, mas muito jovens para a vida. Elas vão ter 30 anos de vida social útil pela frente. Elas precisam achar uma



Eu sempre digo que é possível ter uma boa qualidade de vida e uma carreira de sucesso, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. (...) Se você quiser qualidade de vida, você vai ser pobre. Se quiser o sucesso, você acumula dinheiro suficiente para ter a qualidade de vida que você pode definir.

coisa para preencher, e muito provavelmente as empresas não vão dar essa possibilidade. Eu sempre digo que é possível ter uma boa qualidade de vida e uma carreira de sucesso, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. Você escolhe qual a que você quer. Se você quiser qualidade de vida, você vai ser pobre. Se quiser o sucesso, você acumula dinheiro suficiente para ter a qualidade de vida que você pode definir. Muita gente me fala: 'Ah, eu acordo às 5 da manhã para correr, eu tenho qualidade de vida'. Aí eu digo: 'Isso é falta de qualidade de vida. Qualidade de vida é decidir que horas você vai acordar, onde e por quanto tempo você vai correr'.

Unifor Notícias: *E o Max Gehringer tem uma boa qualidade de vida?*

Max Gehringer: Ah, eu tenho. Eu trabalho dois dias por semana. Eu tiro dias inteiros para simplesmente ficar olhando para o céu conversando com passari-

nhos. Não adianta eu entrar num ritmo mais maluco do que eu já tinha. Eu parei por isso mesmo. Eu posso escrever, aí eu dou uma parada, aí eu vou fazer outra coisa, vou ler um livro... Eu sou do interior e me sinto estupidamente bem sendo do interior. Eu adaptei o que faço ao que eu sou. Mas antes disso eu tive que trabalhar em empresas grandes que ficavam nas capitais. Pegava o meu carrinho, um Fiat 147, e ia dirigindo 80 quilômetros de manhã e 80 quilômetros à tarde. Mas nunca saí do ambiente em que eu nasci.

Unifor Notícias: *Se o senhor estivesse numa entrevista de trabalho, como é que o senhor responderia à pergunta: quem é Max Gehringer?*

Max Gehringer: Eu não me lembro se algum dia eu tive que responder a essa pergunta porque não é uma pergunta que se faz em entrevista. Os entrevistadores e as empresas estão muito pouco preocupados com quem você é. Eles estão muito mais preocupados com o que você pode dar, qual vai ser a sua contribuição. Então, a resposta que eu daria seria a seguinte: 'Max Gehringer é uma pessoa que vai fazer o possível para contribuir com tudo que a empresa precisar dele'. Essa é a resposta. Não adianta dizer essas autodefinições, autoelogios que não se tem como comprovar. O que a empresa precisa de mim? Na hora em que eu souber isso, eu vou fazer um pouco mais do que ela espera que eu faça. Eu tinha uma frase muito bonita quando eu trabalhava com o meu chefe e sempre dizia para ele: 'chefe, eu ganho muito mais do que eu preciso e muito menos do que eu mereço'. Enquanto a gente pensar assim na vida, nós ainda temos para onde ir.

Unifor Notícias*: *Qual a importância de eventos como o Mundo Unifor, que mudam a dinâmica do espaço universitário?*

Max Gehringer: A definição de escola que meus pais tinham era a seguinte: é um local onde você vai aprender, vai ter lição, vai decorar, vai tirar uma nota, e aquela nota determina se você é um bom ou mau aluno. Aí a gente vai estudando, estudando, estudando e muito depois cai a ficha. Na verdade, decorar um ponto e tirar uma nota talvez fossem o suficiente para passar de ano, mas não são a essência da escola. A essência da escola consiste em: que experiências eu tive, que pessoas eu conheci, que professores eu guardei o nome, aqueles que um dia, se eu precisasse de ajuda, eu iria pedir a eles. A grande experiência que nós levamos das escolas e dos cursos que nós fazemos está muito pouco ligada ao que nós aprendemos. Se a gente estuda quatro anos para qualquer coisa e se a gente pergunta a alguém que se formou há cinco anos, por exemplo, ele não lembra mais de 5% do conteúdo curricular que ele aprendeu, mas se lembra de professores, de alunos, das boas experiências, das cacetadas que levou, momentos de emoção, de nervosismo, de raiva. Isso é que constrói a vida, não o curso em si.

* Perguntas feitas por Raquel Holanda, jornalista do Canal Unifor.

ENTREVISTA

com *Luís Roberto Barroso*

“Tudo que é bom e justo deve encontrar um caminho no Direito”

Luís Roberto Barroso é professor titular de Direito Constitucional dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), e também professor visitante da Universidade de Brasília (UnB). Posiciona-se sobre temas polêmicos como pesquisas com células-tronco embrionárias, interrupção da gestação de fetos anencefálicos, vedação do nepotismo, caso Cesare Battisti, união estável homoafetiva. “Tenho opinião sobre tudo”, ressalta.

Barroso é mestre pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos, e doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Fluente em inglês e espanhol, o advogado carioca é autor de diversos livros, como “Curso de Direito Constitucional contemporâneo” e “A reconstrução democrática do Direito Público”. O professor tem artigos publicados em revistas especializadas no Brasil e no exterior.

De fala mansa e pausada, Luís Barroso discorre sobre temas polêmicos com uma linguagem simples. E convence. É, como ele mesmo diz, um debatedor de ideias. Confira a entrevista ao Unifor Notícias concedida um pouco antes de sua palestra.



Unifor Notícias*: *No seu site, o senhor se coloca também como apreciador de poesia. Como o senhor avalia um evento que alia ciência, cultura e tecnologia?*

Luís Roberto: Acho que uma das características do conhecimento contemporâneo é a sua interdisciplinaridade. Portanto, as pessoas têm que ter a capacidade de absorver e processar informações de diferentes domínios. Eu gosto de dizer que quem sabe só Direito não sabe nem direito. Tem que ter interesses variados. Pode ser de filosofia, pode ser de psicanálise, pode ser de literatura, pode ser de poesia. É uma ótima iniciativa você aproximar diferentes áreas do conhecimento e dar acesso aos estudantes a diferentes pontos de observação da vida. Há uma passagem de Vinícius de Moraes que diz que “bastar-se a si mesmo é a maior solidão”. Portanto, o mundo do Direito não pode bastar-se a si mesmo.

Unifor Notícias*: *Quais são os principais desafios do estudante que deseja seguir carreira na seara do Direito Constitucional?*

Luís Barroso: O mundo hoje oferece tantos desafios para a juventude que é quase difícil ordená-los em termos de preferência ou de gravidade. Eu acho que o principal desafio é a competitividade. O mundo ficou extremamente massificado e muito competitivo. Sair do bolo, hoje em dia, envolve uma grande quantidade de esforço. É preciso falar línguas, e isso, cada vez mais, se torna decisivo. O inglês no mundo contemporâneo já não é mais uma segunda língua. O inglês é uma língua obrigatória. Eu diria que cada um deve fazer de si o melhor que deve ser. Portanto, é um processo que exige um investimento pessoal. Um investimento que não dependerá só da Universidade, são projetos autodidatas. Eu acho que é preciso ter janelas para o mundo, saber o que está acontecendo mundo afora. É preciso ter uma

capacidade difícil no mundo contemporâneo que é filtrar a informação, selecionar o que vale a pena e o que não vale a pena. No mundo da internet, a quantidade de coisas que entram no radar de cada pessoa que tem acesso à internet é muito grande.

Unifor Notícias*: *O senhor se posiciona sobre temas muito polêmicos como advogado: pesquisas com células-tronco embrionárias, interrupção da gestação de fetos anencefálicos, vedação do nepotismo, caso Cesare Battisti, uniões homoafetivas...*

Luís Barroso: Eu sou um professor. Não sou um advogado que dá aula. A metade do meu dia e da minha vida é dedicada a estudar. Então eu tenho uma visão acadêmica da vida e do que eu acho importante para fazer avançar o processo social. E, por circunstâncias favoráveis da minha vida, hoje em dia, eu só advogo as questões em que eu acredito. Um advogado, como regra geral, é um profissional que fala pelo seu cliente. Então, ele não precisa necessariamente defender filosoficamente um ponto de vista para advogar aquele ponto de vista. O advogado não é um militante ideológico, é um profissional que patrocina interesses dentro do limite da lei e da ética. Não tem o direito de mentir, não tem o direito de inventar, mas tem o dever de olhar a vida e as questões do ponto de vista do seu cliente que o contratou para isso. E, do outro lado, vai haver um outro advogado fazendo a mesma coisa e um juiz que vai pesar os diferentes argumentos e produzir a justiça.

Unifor Notícias: *É uma tarefa árdua se posicionar sobre temas tão calorosos?*

Luís Barroso: Eu sou de uma geração em que nós fomos educados a ter opinião sobre tudo. Eu sou da segunda metade da década de 70, a primeira geração

pós-anos de chumbo, embora ainda regime militar. Eu cresci e me formei na oposição ao regime militar. E, portanto, como uma pessoa que integrava um grupo, talvez uma geração de pessoas que prestavam atenção em tudo que estava acontecendo, e nós tínhamos opinião sobre tudo. E isso me acompanha pelo mundo afora. Com o tempo, a gente se torna menos radical. Com o tempo, você passa a ter mais capacidade de compreender o outro e levar em conta suas razões, por isso eu não trafego pela vida com uma mochila cheia de certezas ou de verdades. Mas, no geral, não vai haver nenhum tema relevante para a humanidade ou para a cidadania brasileira sobre o qual eu não tenha alguma opinião. Meu mundo é um mundo de debate de ideias. Pretensamente, o mundo do conhecimento, e o mundo do conhecimento é inesgotável. A gente nunca sabe muito e a gente nunca é bom demais.

Unifor Notícias: Muitas mudanças ocorreram no Direito nos últimos tempos. Que mudanças principais foram essas?

Luís Barroso: Mais do que grandes mudanças, houve uma revolução. Quem passou os últimos trinta anos sem estudar, se estiver chegando agora, não vai entender nada do que está acontecendo. A vida ficou mais complexa, mais rica, mais difícil e com menos segurança jurídica. Em um mundo tradicional, que era um mundo, digamos, positivista, a solução para os problemas estava prevista no ordenamento jurídico. E o juiz era um profissional de formação puramente técnica que aplicava num caso concreto a solução que já estava pronta na norma. Isso acabou. Eu vou dar um exemplo. No mundo em que eu nasci e fui jovem, só havia uma forma de se constituir uma família: pelo casamento. Hoje em dia, só a Constituição já previa, expressamente, a família que resultasse do casamento, a família que resultasse da união estável e a família chamada monoparental - uma mulher, um homem, eventualmente, não são obrigados a casar para ter uma prole e aquilo deve ser tratado como uma família. E agora, com a decisão do Supremo, também as uniões homoafetivas constituem família, de modo que, se antes só havia um único modelo de família, agora há quatro. Quando eu fui jovem, na faculdade, no Direito de Família, nós estudávamos filiação. E aí se falava em filhos legítimos, filhos ilegítimos, e aí entre os ilegítimos havia os naturais e os

adulterinos. Então, era uma cabeça que projetava nos filhos a reprovabilidade social à conduta dos pais, que hoje em dia, olhando para trás, é coisa de gente doida. Quer dizer, a criança pagava porque a sociedade rejeitava o tipo de união que os pais tinham. Hoje em dia acabou. A Constituição diz: 'filho é filho, e todos têm os mesmos direitos'. E já não cabe mais esse escalonamento. Aliás, isso é um absurdo, tendo em vista que há coisas que se transformaram com tanta velocidade que às vezes é até difícil acompanhar.

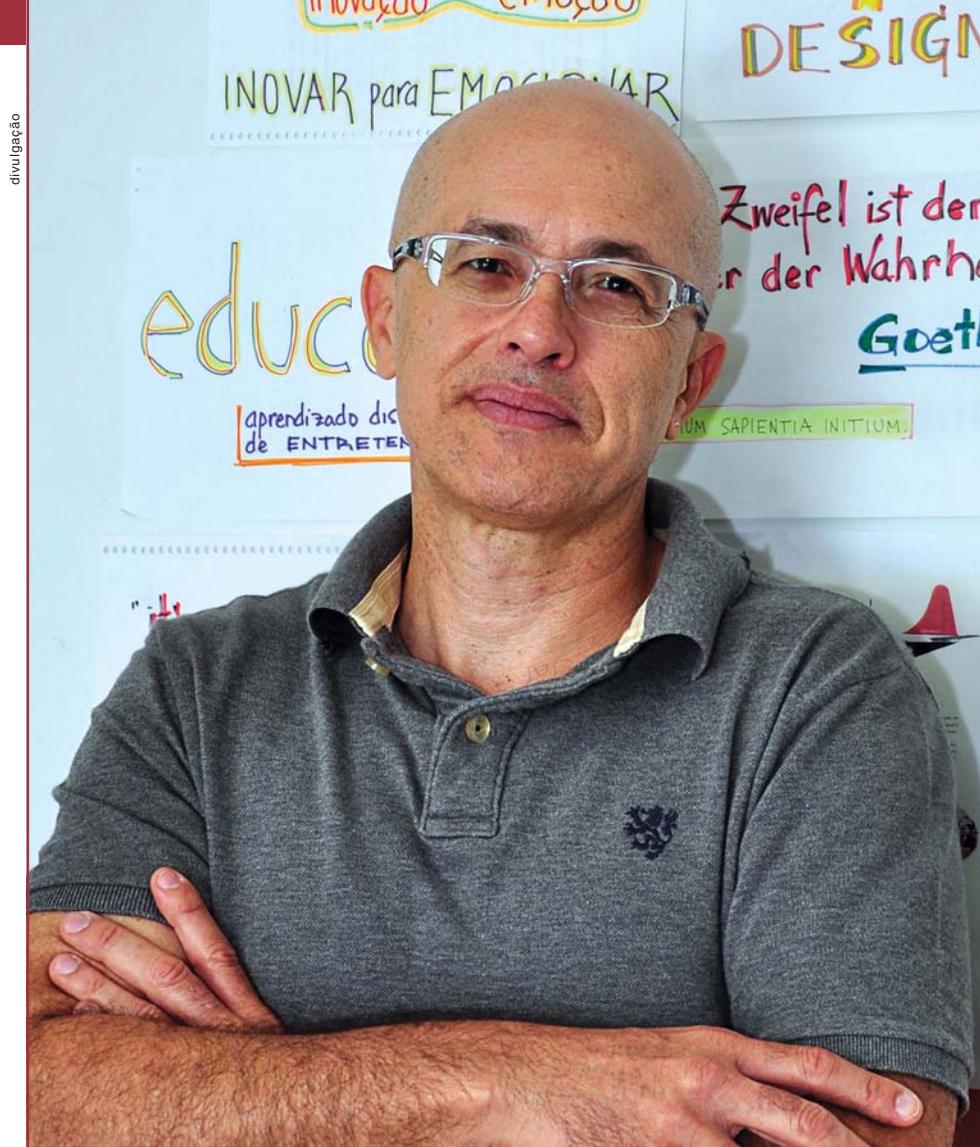
Unifor Notícias: E como o senhor aborda a união homoafetiva?

Luís Barroso: Eu tenho a convicção de que tudo que é bom e justo deve encontrar um caminho no Direito. E, portanto, eu acho, em primeiro lugar, que as uniões homoafetivas são boas e justas, na medida em que eu acho que as pessoas têm o direito de colocar seus afetos e sua sexualidade onde mora seu desejo. E eu acho que nem o Estado nem ninguém tem o direito de impedir uma pessoa de ser feliz da maneira que escolheu, sobretudo se isso não estiver afetando o direito de ninguém, uma vez que na relação homoafetiva duas pessoas maiores e capazes aderem a um projeto existencial.

Unifor Notícias: O senhor mencionou que as uniões homoafetivas vão beneficiar a toda a sociedade, tornando-a melhor, menos preconceituosa e oferecendo mais oportunidades a mais gente. Mas há o preconceito contra o casamento, talvez maior do que às uniões estáveis...

Luís Barroso: Por que as pessoas não podem viver as suas escolhas? Eu sou casado há muitos anos. A maior parte das pessoas adultas que está aqui nesta sala é casada. Então, nós achamos que o casamento é uma instituição boa. O casamento é uma instituição boa porque diminui a promiscuidade, porque potencializa os afetos, porque facilita a convivência humana em geral. Então, se nós achamos que o casamento é uma instituição positiva, por que vamos excluir essas pessoas? Que forma esquisita de egoísmo é esta, pela qual, já que é muito bom, nós não queremos para aqueles porque eu não gosto muito daqueles. Está errado, é uma forma de pensar a vida equivocadamente, a meu ver.

* Perguntas feitas por Raquel Holanda, jornalista do Canal Unifor.



ENTREVISTA

com **Silvio Meira**

“Inovação é a mudança do comportamento”

Silvio Meira é um dos maiores nomes da pesquisa na área de engenharia de software do país. Já foi assessor da Secretaria de Política de Informática do Ministério da Ciência e Tecnologia, presidente da Sociedade Brasileira de Computação e consultor do Banco Mundial e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Recebeu da Presidência da República as comendas da Ordem Nacional do Mérito Científico. Formado em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), é mestre em informática pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em Computação pela University of Kent at Canterbury, na Inglaterra.

É paraibano, mas reside em Recife (PE), de onde escreve seus contínuos textos sobre tecnologia da informação e seu impacto na sociedade, publicados em cadernos científicos, na imprensa e em seu blog pessoal. Silvio veio sem assessor de imprensa, com mochila nas costas e usando jeans e tênis. Com estilo jovial e tom de voz esbanjando energia, ele concedeu entrevista ao Unifor Notícias um pouco antes de sua palestra no quarto dia de programação do Mundo Unifor.

Unifor Notícias*: *Você acha importante o aluno da área de computação buscar a tecnologia associada a outras ciências?*

Silvio Meira: Na vida real, a gente não usa uma ciência só, uma tecnologia só. A vida real não tem perguntas e respostas, ela tem problemas e soluções. Os problemas não são de física, nem de química, nem são de informática ou de tecnologia. Eles são problemas na vida real que envolvem um multifacetamento muito grande, que envolvem uma multidisciplinaridade nata dos problemas. Eles acontecem nas empresas, nos sistemas, nas instituições de uma forma em que no mínimo há pessoas envolvidas. Então você tem que entender de gente. Há pressupostos de negócios: há preços, há custos, há tempo, há performance, há qualidade, há segurança. Então você tem que entender do negócio. E seja lá qual for a tecnologia que você estiver usando, se for médica, se for de informação, se for de engenharia civil, ou o que for, você tem que usar a tecnologia dentro de um contexto de negócios e pessoas. Então, não tem como evitar a multidisciplinaridade e não tem como se concentrar numa ciência ou numa tecnologia só. Os problemas da vida real são, intrinsecamente, transdisciplinares.

Unifor Notícias*: *Qual o papel da universidade no avanço tecnológico?*

Silvio Meira: A universidade tem como seu principal papel educar pessoas de uma maneira sofisticada. Essa sofisticação envolve você se concentrar em fundamentos para a evolução das pessoas no longo prazo. Tipicamente, um aluno que sai de uma universidade de boa qualidade devia aprender um certo conjunto de coisas que vão possibilitar que ele continue aprendendo no correr da sua vida profissional e depois quando ele se aposentar. Mas a universidade também tem o papel de fazer pesquisa, de participar dos processos de inovação na sociedade e nas empresas. E esse papel da descoberta, da pergunta, da questão do problema é fundamental para manter acesas as mentes na universidade. Se a gente simplesmente se transformar em replicador do conhecimento estabelecido, a gente não está educando para o presente, a gente está educando para o passado, porque a evolução dos problemas nas economias e na sociedade se dá hoje numa velocidade tão grande que você não tem que se preocupar com o presente, mas sim com o futuro. Com a combinação da capacidade de educar de forma sofisticada e complexa, a capacidade de fazer perguntas sobre os problemas reais que a sociedade enfrenta é o que faz uma universidade de qualidade.

Unifor Notícias*: *O que é mais importante: a inovação dos produtos tecnológicos ou a infraestrutura para que esses equipamentos funcionem bem?*

Silvio Meira: Nenhum dos dois é mais importante. Inovação é a mudança do comportamento e de agentes no mercado com fornecedores e consumidores de qualquer coisa. Então, para você oferecer um novo serviço, tem que aparecer quem esteja fornecendo uma infraestrutura para que aquele



Certamente, jogos eletrônicos, por mais violentos que sejam, são bem menos violentos do que um menino de 10 anos, como foi o meu caso, com uma baladeira matando gato e qualquer coisa que passava na minha frente.”

serviço exista. E essa infraestrutura tem que ser de qualidade, tem que estar amplamente disponível, tem que ter um preço que seja acessível para a população que você quer atingir, e por aí vai. As grandes inovações sempre são sociais. Sociais no sentido de que elas são proposições para o todo da sociedade. Eventualmente, atingem só um nicho, mas, quando você pensa em PCs, celulares, smartphones, você está falando em coisas que foram propostas para todo mundo em uma escala muito grande. E aí é difícil diferenciar se a infraestrutura é mais importante do que algum resultado particular que funcione sobre elas. Se não fossem essas proposições para agregar valor como resultados, as infraestruturas seriam desnecessárias. Se não houvesse as infraestruturas, seria impossível agregar valor como resultado. E eventualmente você só cria infraestrutura quando tem as proposições de valor, como é o caso da infraestrutura de mobilidade do Brasil. O serviço, temporariamente, é uma porcaria, ou seja, a infraestrutura não aguenta os serviços que estão propostos sobre ela.

Unifor Notícias: *Como é que você avalia o uso da informática, das tecnologias nas universidades brasileiras. Estamos aquém do esperado?*

Silvio Meira: Em tese, nós não estamos aquém. Os currículos brasileiros são currículos bons. Existe um currículo de referência na Sociedade Brasileira de Computação que é adotado inclusive aqui na Unifor e nas principais universidades do Brasil inteiro. A gente não está pegando alunos na universidade que estão preparados para fazer desse currículo uma performance que a gente poderia chamar acima da média, porque são alunos que poderiam estar preparados para fazer um curso de tecnologia, que exige uma certa profundidade de ciências exatas, de lógica, de raciocínio mais abstrato. Nem mais nem menos sofisticado do que o de história, ou de geografia, ou de matemática, ou de medicina. Mas bem mais abstrato, porque informática é um conjunto de ciências de tecnologias tipicamente da abstração – como é que a gente tira coisas do real e põe no virtual? Como é que a gente transforma realidade num simulacro? Informatizar uma empresa equivale a criar uma

simulação dessa empresa em softwares. Você cria um mundo virtual. Então, para cada vez que você tem uma pessoa pensando em fazer informática, você devia estar olhando para pessoas que são capazes de fazer essa transposição quase de forma inata. E isso não é o que acontece. As universidades na área de tecnologia fazem no Brasil um esforço muito grande, muito acima da média para trazer as pessoas a esse ponto em que todo mundo entende que o que a gente está fazendo é a construção de mundos virtuais. E eventualmente a reinserção desse virtual no real. Quando você faz um robô, você virtualiza um conjunto de operações e o reinsere no real de uma forma às vezes muito intrusiva. Eu acho que tem muito para a gente fazer, mas nós estamos num patamar mundial muito bom.

Unifor Notícias: *Você tem um filho de 10 anos. Como você avalia o uso de jogos eletrônicos pelas crianças?*

Silvio Meira: Fantástico. É muito melhor do que bola de gude, bola de meia, atirar de badaleira em passarinho ou aprender a atirar de rifle, como eu aprendi lá em Recife. Certamente, jogos eletrônicos por mais violentos que sejam são bem menos violentos do que um menino de 10 anos, como foi o meu caso, com uma baladeira matando gato e qualquer coisa que passava na minha frente.

Unifor Notícias: *Mas há toda uma crítica que se faz ao uso dos jogos...*

Silvio Meira: A crítica é insubstanciada. Não há nenhuma evidência científica que demonstre que o uso de jogos violentos por crianças e adolescentes os torne violentos fora do seu ambiente familiar. É claro que há incidentes aqui e ali, mas esses já existiam sem os jogos. Crimes seriais, homens-bomba, pessoas que atiram dentro de escolas não surgiram por causa de jogos. Não que eu vá querer que meu filho que só tem 10 anos passe o dia jogando um jogo em que se atropelam pessoas no meio da rua ou explodam coisas o tempo todo. Na realidade, eles nem gostam disso o mais das vezes. Se você for ver o que as pessoas mais jovens gostam de jogar hoje, são jogos comunitários, sociais, em que eles participam junto com outras pessoas na construção desses simulacros, desses universos virtuais. Eles não estão querendo o tempo todo jogar o GTA [Grand Theft Auto], que é o jogo protótipo usado pelos críticos de jogos como se fosse o jogo que iria acabar o mundo.

Unifor Notícias: *Se o Silvio Meira fosse um jovem que vai iniciar a carreira, haveria mudança na sua formação profissional?*

Silvio Meira: Olha, eu mudaria porque fiz Engenharia Eletrônica porque na época não tinha Informática. Na verdade, eu começaria por Robótica. Aprender como as coisas se mexem, isso tem de novo aquela questão da transdisciplinaridade... Para fazer, por exemplo, robôs que nadam, tem que se entender de água, de ecossistemas, etc. Eu começaria por aí.

* Perguntas feitas por Raquel Holanda, jornalista do Canal Unifor.



ENTREVISTA
com Nuno Cobra

“Saúde é o entusiasmo de viver”

O nome de Nuno Cobra está muito associado ao de seus alunos. Nuno foi preparador físico e mentor de atletas famosos como Ayrton Senna, Christian Fittipaldi, Rubens Barrichello, Patrícia Medrado e de empresários como Abílio Diniz e André Lara Rezende. Mas seu pioneirismo como personal training ocorre desde os anos 1950. Nuno é graduado e pós-graduado em Educação Física, mas também estudou fisiologia, psicologia e sociologia. Atualmente é professor de qualidade de vida em curso de MBA na USP, faz palestras, promove treinamentos empresariais e atende em seu consultório.

No livro “A semente da vitória”, em sua 101ª edição, ele propõe chegar “ao cérebro pelo músculo e ao espírito pelo corpo”. O fisiologista afirma ter sofrido, no passado, agressões por invocar essa nova metodologia. Com uma energia vigorante, mesmo após sua palestra, Nuno respondeu a perguntas em estado alerta: “minha adrenalina está a mil”, relatou aos vários presentes no camarim. A entrevista foi repleta de respostas – e ações – inusitadas.

Unifor Notícias: *O senhor é exemplo de pessoa estudiosa. Formou-se e se pós-graduou em Educação Física e estudou muitas outras áreas, como fisiologia, sociologia, psicologia. O senhor acha que os estudantes da área da saúde devem buscar a interdisciplinaridade?*

Nuno Cobra: O que é necessário é que os médicos parem de fazer faculdade de Medicina, porque a faculdade de Medicina é muito retrógrada. Os meus melhores amigos são médicos, mas praticamente foram autodidatas porque refutam tudo aquilo que aprenderam em sala de aula. Eles conseguiram superar essa forma pesada da medicina e se tornaram excelentes profissionais da saúde, porque até então eles eram profissionais da doença, eles não sabiam lidar com o paciente que não tinha doença. Nós temos, por exemplo, essa parede. Vamos dizer que lá no chão está o zero e lá em cima está o dez. Temos vários níveis: um, dois, três, quatro... até o dez. Um levantamento estatístico mostrou que as pessoas em torno de 40 a 55 anos se encontram no nível 1,5 de saúde. Então, a pessoa não está doente e não podemos dizer que essa pessoa tem saúde porque ela está num nível muito baixo de saúde. Mas o médico estruturado nesse ramo pesado da universidade não se adequou a essa situação. A universidade ainda

não descobriu realmente o profissional da saúde. Como é que na faculdade de saúde se estudam matérias sobre doenças? Como é que se vai fazer saúde? Então, é aquele lema básico que faz 40 anos que eu digo: não há necessidade de ficar doente para começar a cuidar da saúde. Tem que ver os níveis de saúde, coisa que os médicos não fazem.

Unifor Notícias: *O senhor pode dar um exemplo?*

Nuno Cobra: Na semana retrasada, apareceu lá no meu consultório um senhor, um baita empresário, que chegou lá muito expandido, tipo italiano, falando com as mãos, balançando os braços. 'Professor, o senhor tem que dar um jeito. Você é a minha última esperança. Eu fui a três especialistas muito bons e todos eles me disseram que eu não tenho nada, que eu não estou doente, mas eu estou doente, professor, estou muito doente'. Aí ele jogou lá na mesa os exames. E aí eu perguntei: 'por que você acha que está doente?' 'Professor, quando eu acordo, eu já estou com sono, eu já estou cansado'. Eu pensei: 'poxa, o cara está mal mesmo'. Imagina, você está dormindo, acorda e já está cansado. Não pode! [O paciente continua] 'À tarde, eu estou morrendo de sono. No meu trabalho, eu começo a ler e quando vejo estou cochilando. À noite, eu estou morto. Eu

chego em casa, minha mulher quer ir ao teatro, ao cinema, mas eu não aguento'. Aí, depois de ver todos os exames dele, falei assim: 'garotão, você realmente não está doente, o grande problema é que você não tem saúde'. Por alguns segundos, foi aquele silêncio tétrico na sala. Aí ele deu aquela risada e disse: 'eu não estou entendendo mais nada. Eu não estou doente e não tenho saúde?'. Mas é o que acontece com 90% da população do nosso país: eles não estão doentes, mas eles não têm saúde.

Unifor Notícias: *E o que é saúde, afinal de contas?*

Nuno Cobra: Saúde não é o estado da não doença, saúde é o encantamento com a vida, é o entusiasmo de viver. Saúde é energia, vitalidade, disposição. Então, saúde é hígidez, é você estar perto de um monte de pessoas tuberculosas, mas você não adquirir. Isso é saúde. Se você sente que a garganta está arranhando, se você sente que qualquer coisa está diferente, você vai para a cama às 9 horas da noite e no dia seguinte você não vai ter mais nada porque o sono é onde você vai fazer esse upgrade. O sono é a hora em que a hipófise lança na corrente sanguínea os famosos hormônios do crescimento. Quando você dorme, você fabrica bilhões de células que vão fazer o reparo do teu baço, fígado, pâncreas, vesícula,

intestino, estômago, coração, neurônios... Quando você acordar, você estará novinho de novo.

Unifor Notícias*: *Em que consiste esse seu método chamado de tratamento humano personalizado, que alia corpo, mente, espírito e emoção?*

Nuno Cobra: Esse método foi algo que aconteceu. Eu não estudei, eu não li em nenhum lugar e hoje esse método bate muito com os preceitos que acabaram chegando ao Brasil da China, da Índia, mas que há dez, quinze anos não existia por aqui. Não existia esse lado oriental. Eu tive esse acesso, não quero ser esotérico, mas foi uma vivência minha particular, ocorreu comigo. Eu era um cara tão deficiente, tão fraco, tão covarde, tão doente, tão frágil e me tornei tão forte, tão vigoroso, tão poderoso, mudei o temperamento. Na hora, te dá o estalo de que você descobriu uma coisa nova. O que existia era essa terapia de conversar e conversar, mas só conversar e conversar não resolve nada porque pelo intelecto você nunca vai resolver sua vida, porque a sua vida está no seu inconsciente, e nós não temos acesso ao nosso inconsciente. Então, como é meu método afinal? Que mágica é essa? É mágica nenhuma, é a vida. Só que eu aprendi a utilizar aquilo que utilizei comigo. São ferramentas que fazem você trabalhar o corpo da pessoa e, através das conquistas que ela vai fazendo com o corpo dela, ela vai se tornando vitoriosa com ela. Quando você vence você, você vence o mundo. A princípio, eu era louco. Chegar ao cérebro pelo músculo e desenvolver o cérebro ou chegar ao espírito pelo corpo e desenvolver o corpo – isso não era uma coisa científica ou acadêmica, então eu era louco. Como é que eu provava que ocorre a neurogênese no cérebro adulto? Eu cheguei à conclusão de que, para eu sobreviver numa atmosfera tão ingrata comigo, tão maldosa, tão agressiva, eu tinha que ter forças interiores muito grandes. Os resultados com os meus alunos iam me dando essa força.

(Nuno se aproximou de uma das jornalistas presentes na entrevista assim que a viu dizendo que ela estava precisando de ajuda.)



Então, como é meu método afinal? São ferramentas que fazem você trabalhar o corpo da pessoa e, através das conquistas que ela vai fazendo com o corpo dela, ela vai se tornando vitoriosa com ela. Quando você vence você, você vence o mundo.”

Unifor Notícias: *A que você atribui ter sentido essa diferença de sintonia da nossa colega? Isso faz parte do método também?*

Nuno Cobra: Isto é o que eu tento fazer com meus discípulos: eles se desenvolverem como pessoas. Quando você cresce, primeiro você descobre Deus, porque ele está dentro de você. Aí você se espiritualiza. Eu sou extremamente espiritualizado, eu só não tenho religião. Se estou tão feliz, evidentemente eu me preocupo com o próximo. Se eu irradio uma coisa gostosa, é porque eu estou gostoso. Se você se espiritualiza, você cria sentimentos e sensações. Essa coisa de chegar aqui na sala e sentir que ela tem um potencial que precisa ser desenvolvido, e vejo que você está bem desenvolvida em relação a ela, eu tenho que fazer alguma coisa com ela. Isso é uma coisa minha. Acho que isso se chama amor, é espiritual. Isso foi desenvolvido através do meu corpo. O método que eu passo para os meus discípulos é que eles aprendam a utilizar o corpo. Põe a mão no meu braço (risos). Eu faço exercícios. As pessoas da sua idade ficam absortas. O triste foi um rapaz que foi lá em casa outro dia e disse: 'Santo Deus, como é que você faz um negócio desses e com essa idade?' Eu queria ter dado uma porrada no cara, porque não tem idade. A idade está na sua estrutura cultural. Quer saber meu método? São ferramentas. Ferramenta é fazer barra, é ficar de cabeça para baixo, fazer exercícios que jamais passaram na sua cabeça que você pudesse fazer.

(Nuno convoca uma outra jornalista a levantar-se. Pede a ela que coloque as mãos apoiadas no chão. Depois, segura suas pernas fazendo-a plantar bananeira.)

Nuno Cobra: Não é fantástico? Você fez algo inusitado [falando para a jornalista]. Sua cabeça passou por uma experiência inusitada. Sabe o que aconteceu com ela? Superação, conquista, vitória. Ela superou o medo do desconhecido, do novo. Então, ela vai dormir com outro cérebro. Agora conta o que você fez. Você não foi a proprietária da sua conquista? Sabe no que é baseado o meu método? A gradatividade. Tudo é gradativo. Outra coisa: quando ela está tentando fazer algo novo, ela está fazendo uma coisa que o cérebro não sabe. Como você está tentando fazer uma coisa que você não sabe, você está exigindo do cérebro, e ele está criando novas conexões interneurais.

Unifor Notícias: *Você já trabalhou e trabalha com diferentes grupos: empresários, presidiários, atletas. O que o senhor desenvolve com empresários é diferente do que desenvolve com atletas, por exemplo?*

Nuno Cobra: Nada, só a intensidade. Quando o cara chega no consultório, eu não quero saber muito o que ele quer, se foi infartado, se tem síndrome do pânico ou se é muito depressivo ou diabético. Ele vai ficar bom porque toda doença adquirida pode ser desadquirida. Existem as doenças hereditárias e as congênitas – essas são doenças. Essas cabem ao médico tratar porque são doenças. Agora essa doen-



Eu era um cara tão deficiente, tão fraco, tão covarde, tão doente, tão frágil e me tornei tão forte, tão vigoroso, tão poderoso, mudei o temperamento.”

ça adquirida pode ser desadquirida, mas a primeira coisa é parar os medicamentos. Por que parar os medicamentos? Porque o médico, pela própria criação na faculdade de Medicina, vai atacar sempre os efeitos e não as causas. Se você está doente, se você está com dor, é uma defesa do organismo. Se a perna está doendo, tem que saber o que foi que você fez: bateu, correu de forma errada... Tem que saber o porquê. A criança está com febre, e a mãe dá logo um antifebril. Loucura! Põe a criança num banho morno, molha a fraldinha e põe no peito... É o que eu falo para os meus filhos fazerem. Mas não dá a porcaria do remédio, que já vai estropiar o fígado do coitadinho.

Unifor Notícias: *Na sua palestra, o senhor falou muito da influência negativa das mães e dos pais na criação dos filhos. Como foi a criação dos seus filhos?*

Nuno Cobra: Eu tive quatro filhos. A Rosane, que está com 47 anos; o Wagner, com 46; o Nuno, com 44. O Renato, o caçula, está com 33 ou 32. Eles foram criados com a minha filosofia da não intervenção. A criança está correndo, ela tropeça e cai. Você olha rápido e faz uma análise se a queda oferece risco de vida. Se não oferece, na hora em que a criança olhar para você, você diz: 'Meu Deus, filho, que legal!' Aí ele está querendo chorar, mas limpa a roupa e continua correndo. Ele sente a dor, mas ela é relativa. Se ele não acha apoio, ele não chora. Eu eduquei assim e hoje eu colho os resultados. Claro que ninguém cria um filho sozinho, tem que ter a mulher. Não deu para fazer a educação do jeito que eu queria. Ela não tinha os estudos que eu tinha. Eu estudei muito, minha linha era a de Summerhill [em referência à escola inglesa de Summerhill, fundada por A. S. Neill, que propõe uma educação liberal], que ficou muito famosa na década de 1960 ao propor a não intervenção frequente na criança. Eu tive meus erros, meus acertos, mas no fritar dos ovos a metodologia gerou pessoas com personalidades fortíssimas. Você vê a Rosane com o carro na rua, antigamente a gente falava 'parece um homem', mas é assim, ela tem o pensamento do 'eu posso'. Para criar um filho assim, o pai sofre, mas vale porque esse filho vai ser seguro, vai ser líder. É incrível.

* Perguntas feitas por Raquel Holanda, jornalista do Canal Unifor.

ENTREVISTA

com Lobão

“As pessoas precisam manter as suas convicções”

Lobão é o nome artístico de João Luiz Woerdenbag Filho. O carioca de 54 anos é um músico completo: compositor, instrumentista e cantor. É autor de vários sucessos como Me Chama, Vida Bandida e Corações Psicodélicos.

Saiu de casa aos 17 anos para tocar bateria profissionalmente. No início de sua carreira, integrou o grupo Vimana, a banda Blitz, entre outras. Mas seu negócio era ser solo, no vocal e na produção. No fim da década de 1990, lançou seu disco A Vida é Doce nas bancas de jornal em todo o Brasil. Lobão enveredou como produtor de revista (Outra Coisa) e como apresentador de TV (programas na Play TV e na Mtv). Seu CD/DVD Acústico Mtv (2007) foi premiado com o Grammy Latino na categoria melhor disco de rock. No ano passado, o músico publicou sua biografia 50 Anos a Mil com coautoria do jornalista Cláudio Tognolli.

Lobão chama atenção por sua autenticidade. Com ele não existe meia palavra nem meia modéstia. É sempre intenso em suas respostas e crítico em seu discurso. Confira a entrevista exclusiva dada ao Unifor Notícias por telefone quatro dias antes do show na Unifor.



Unifor Notícias: *No seu site, é destacado que você ganhou sua primeira bateria de brinquedo aos seis anos e que aos 13, o instrumento musical. Que significado esses fatos realmente tiveram para sua vida profissional?*

Lobão: Foi tudo. Na verdade, eu fui um cara que passou parte da infância, da adolescência na ditadura militar. Aí teve aquela reforma de ensino, e eu não conseguia me ajustar e aprender as coisas do colégio. A única coisa que me deu alguma qualificação foi a coisa que eu vinha tocando desde os 13 anos de idade, que foi a bateria. Desde os 13, eu recebia convite para tocar em bandas profissionais. Secos e Molhados, por exemplo, me convidaram a tocar com 14 anos, mas a minha mãe não deixava. Com 17 anos de idade, eu ainda era menor. Nessa época, eu já tinha repetido o ano no colégio e não sabia o que ia fazer da vida. Tinha medo de ser músico, muito mais de ser baterista, mas na verdade isso foi o que me levou a ser um músico profissional. Era tido como um menino prodígio. Apesar de eu não querer tocar bateria, foi a única coisa que me abriu a porta para ser alguma coisa. Na verdade, eu me julgo um baterista até hoje. Então talvez seja por isso que eu deixe bem claro que eu seja um baterista antes de qualquer coisa.

Unifor Notícias: *E por que o medo de ser músico, de ser baterista? Era da época?*

Lobão: Hoje talvez as pessoas sejam mais chegadas a essas coisas de celebridade, de querer descolar um BBB, e as mães e os pais acharem isso legal. Mas naquela época não. Minha mãe queria que eu fosse funcionário público como qualquer pessoa de classe média. Ela dizia: 'A gente tem algumas influências. Você entra de pistolão'. Essa coisa bem brasileira. Essa era e é, eu continuo achando, a mentalidade do brasileiro de classe média. A minha mãe não queria que eu fosse músico porque músico era sinônimo de marginal, maconheiro, maluco. E o que era digno era ser um come-quieto, um funcionário público.

Unifor Notícias: *Mas independente do medo você saiu muito cedo de casa para ser músico.*

Lobão: É, mas eu não tive escolha. Você pode achar que eu fui um cara corajoso, mas eu sinceramente tenho que admitir que eu não fui. Eu estava morrendo de medo e eu só fui porque eu sabia que minha vida estava muito enrolada lá em casa. Eu estava tentando me enganar, que eu queria ser maestro, mas eu não sabia nem ler música. Eu tinha um embasamento mínimo para ser músico e muito menor para ser maestro. Mas era aquela síndrome de dignidade intelectual. 'Pô, eu tenho que mostrar alguma coisa para os meus pais. Vou ser artista, mas vou ser maestro. Se eu não for funcionário público, se eu não for médico, tenho que ser maestro para dar alguma dignidade aos meus pais'. Isso eu relato no meu livro não só como uma síndrome minha, mas como uma síndrome da classe média do Brasil que vigora até hoje também.

Unifor Notícias: *Que dicas você dá para um jovem que está querendo ser cantor e sofre certa resistência em casa para ser músico?*

Lobão: Primeiro, eu nunca quis ser cantor. Inclusive, quando alguém se refere a mim como cantor, eu acho até muito jocoso. Eu sou compositor, sou baterista, toco guitarra e, eventualmente, interpreto minhas músicas, mas dizer 'o cantor Lobão' (risos) é engraçado. Mas olha, eu não tenho fórmula

nenhuma para dar a ninguém. Eu mesmo, como você está constatando, não fui fruto de nenhuma fórmula. Eu fui fruto do caos. Eu fui improvisando como eu estou improvisando até hoje. Seria muito sonso da minha parte dizer 'você deveriam fazer isso', principalmente acreditando que o cenário profissional para o músico hoje em dia está muito pior do que já era, por incrível que pareça.

Unifor Notícias: Por que pior?

Lobão: Porque as cartas já estão todas marcadas e não existe mais ninguém que goste de música dentro do business de música. Não tem jornalista, nem radiologista, nem produtor musical que goste. É tudo jabá. Eu não sei por que cargas d'água eu sobrevivi, mas ao sobreviver eu digo: 'cara, você é única coisa verdadeira que eu conheço'. As pessoas precisam manter as suas convicções, mas eu não vejo isso acontecendo nem na minha geração, nem nas gerações subsequentes. Quem acaba tendo alguma visibilidade é incorrigivelmente um artista, se é que se pode dizer artista, são coisas medíocres, passivas... Hoje em dia quem faz sucesso tem um produtor, um empresário, um compositor que é a iminência parda daquele artista. Não é artista, é um monte de fantochinho. Eu mando esses caras se f..., sabe.

Unifor Notícias: Existe algum lugar, algum país onde você ache que um outro esquema existe?

Lobão: É lógico que sim. Nós estamos em um paradigma muito medíocre no mundo todo, mas você pega, por exemplo, a Inglaterra. Tem um monte de banda boa. Lá já faz parte da cultura. Na Alemanha, nos Estados Unidos também, e tem banda boa no Brasil também. O problema é que aqui você não tem revista para falar delas, não tem rádio para tocar elas. Você não tem palco para tocar elas. O Brasil é uma monotonia sertaneja. O Brasil só pensa em forró, sertanejo...

Unifor Notícias: Quem é o público do Lobão?

Lobão: É um público raro que consegue se impor perante uma pressão social terrível. As pessoas que não gostam de mim têm um ódio avassalador de mim. Não é de graça que minha carreira é desse jeito. Eu sou seletivo. Quer coisa medíocre? Quer moleza? Senta no colo do Lulu Santos, vai ouvir o Ray Charles. Eu não facilito nada para as pessoas que

gostam de mim, porque a minha maior manifestação de amar é não dar trela para ninguém. Eu não sou nenhum demagogo. Ser sonso é a forma canalha de ser o mais psicopatamente desamorizado possível.

Unifor Notícias: Então, é difícil ser um produtor do Lobão?

Lobão: Eu sou o produtor, eu toco todos os instrumentos, eu escrevo minhas letras, eu canto, eu componho minhas músicas, eu sou um engenheiro de som de mim mesmo. Sou o editor e sou também o diretor artístico de mim mesmo, não deixo ninguém fazer mais. A cada ano que foi passando na minha vida, eu fui aniquilando a possibilidade de ter parcerias. Eu atingi um nível de proficiência comigo mesmo que eu não consigo com mais ninguém. O baixo que eu toco é o baixo que eu quero ouvir. A bateria que eu toco é aquela que eu quero ouvir... Eu aprendi a tocar de uma maneira que é a minha linguagem. Eu não só não preciso de mais ninguém, como hoje em dia eu não aturo mais ninguém.

Unifor Notícias: O Lobão é músico, mas já foi apresentador de televisão, produtor de revista, coautor de livro...

Lobão: Fora do reino musical, é tudo esporte, saúde, Rede Globo de Televisão e uma necessidade de não ser ejaculado do mundo musical como os meus inimigos assim o querem. Se eu fui editor de revista, se eu fui apresentador de televisão, foi tudo porque neguinho queria me f...

Unifor Notícias: Sua discografia teve uma variação grande. A que você atribui isso?

Lobão: Na venda, não teve variação nenhuma, foi sempre horrível. Eu sou um desastre de vendas. Mesmo quando eu vendi 350 mil cópias com Vida Bandida, era para ter vendido dois milhões. Eu sempre fui logrado, roubado, por isso eu fui brigar pela numeração dos discos. Até meu último disco, que já tinha numeração, teve um beneplácito da crítica de dizer que eu fui vendido para a Mtv. Aí foi um vexame histórico, depois deles terem afundado o disco e eu ter vendido 23 mil cópias, eu ir lá e ganhar o Grammy Latino de melhor disco do ano. Eu convivo com essa idiossincrasia por toda a minha vida. Ainda mais agora, com 54 anos, eu tenho moral para dizer que não tenho paciência com idiota. Aí eu sou mais grosso ainda. Eu já logo decapito (risos).

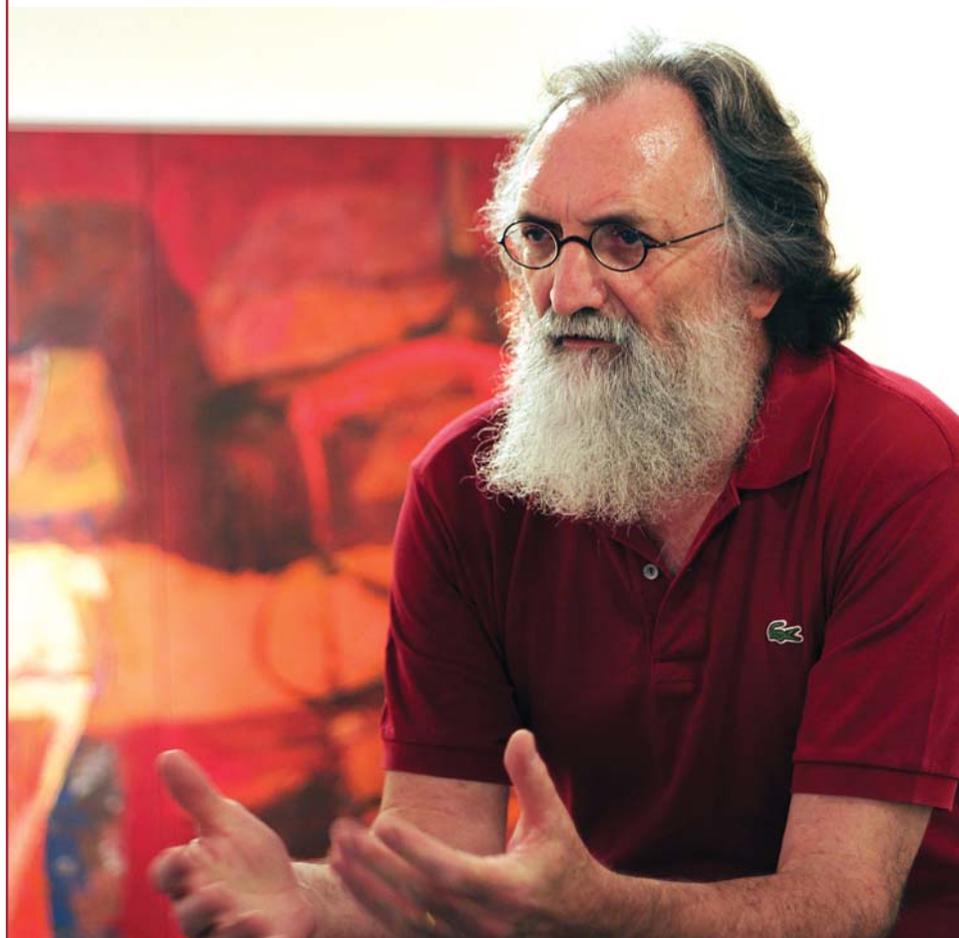
ENTREVISTA

com **Bruno Pedrosa**

“Vou deixar um sinal nas artes”

Bruno Pedrosa é artista plástico de renome internacional. Cearense de Lavras da Mangabeira, foi ao Rio de Janeiro ainda jovem para se “inteirar do mundo das artes”. No início dos anos 90, mudou-se com a família para o norte da Itália, radicando-se no país europeu. A opção de ficar “foi casual desde o início”, afirma. O artista vende seus trabalhos – desenhos, pinturas e esculturas – a países do mundo todo e conta com mais de uma centena de exposições individuais e coletivas realizadas no Brasil e no exterior.

Presságios comemora os 40 anos da primeira exposição de Bruno na Europa. A ideia e a curadoria da mostra são de Maurício Vanni, a quem Bruno define como “um dos grandes críticos da Itália”. Composta por 13 telas e 20 desenhos, fica em cartaz no Espaço Cultural Unifor Anexo até o dia 22 de dezembro. Fortaleza é a primeira cidade a receber a mostra, que segue depois para Rio de Janeiro, Argentina, Uruguai, Chile e países da Europa. Bem humorado, o artista concedeu entrevista exclusiva ao Unifor Notícias em meio à montagem de sua exposição, uma semana antes da abertura, em meados do mês passado.



Unifor Notícias: O senhor estava contemplando as suas obras... [Bruno estava observando um quadro antes de iniciarmos a entrevista]

Bruno Pedrosa: Não, não. Eu estava olhando muito mais para ver a parte técnica da montagem do que o quadro (risos).

Unifor Notícias: Mas o senhor é do tipo que não quer nem ver seus trabalhos depois de prontos?

Bruno Pedrosa: Não, pelo contrário. Eu não só descobro sempre qualquer coisa de novo, como tenho até a vontade de interferir no trabalho mesmo depois de pronto. Não sou exagerado igual aos impressionistas. Alguns que entram para o Louvre e tinham trabalhos expostos na parede e iam lá, olhavam se não tinha ninguém olhando, pegavam o pincel e davam uma pinceladinha. Mas eu sempre vejo que poderia dar mais uma pincelada.

Unifor Notícias: Mas isso é de todo artista ou é o jeito do Bruno Pedrosa?

Bruno Pedrosa: Deve ser a minha personalidade. Não é visto que todos os artistas façam isso. Conheço casos de artistas que, uma vez terminado o trabalho, não sentem a menor necessidade de alterá-lo. Eu sempre vejo que poderia ter feito algo a mais. Eu sempre tenho crítica para melhorar um trabalho.

Unifor Notícias: O fato de a exposição estar numa universidade tem uma simbologia diferente?

Bruno Pedrosa: Para mim, é melhor até que um ambiente público de museu, no sentido de que eu me preocupo muitíssimo que meu trabalho seja visto, divulgado o máximo possível entre estudantes. Eu gosto e fico feliz que o meu trabalho seja visto por estudantes universitários. E aqui [no Espaço Cultural Unifor Anexo] é a passagem de todos os alunos. Eu não me preocupo muito com a parte comercial, eu me preocupo muito com a parte de divulgação e de perenização do meu trabalho. Eu procuro sempre me comunicar com os jovens que estão começando, com as pessoas que estão ligadas ao ensino, de maneira que a mostra ser numa universidade é mais interessante do que se fosse num espaço de museu qualquer aonde não vai ninguém.

Unifor Notícias: Que dicas o senhor dá para o jovem artista que está começando?

Bruno Pedrosa: Antes de tudo, que ninguém nasce sabendo fazer nada. Para fazer, tem que aprender e, para aprender, tem que ir a uma escola. Não é que um artista não possa ser autodidata. Não é que você é mais artista porque frequentou uma escola. Não tem nada a ver. Mas você precisa ter um domínio do *métier*, quer dizer, do material e do que você propõe e apresenta às pessoas. O artista precisa ter, antes de tudo, muita força e perseverança. Não é uma luta de seis meses ou seis anos. É uma luta da vida inteira. Tem que matar um leão por dia até o dia que morrer.

Unifor Notícias: Ser artista é um estilo de vida?

Bruno Pedrosa: É mais do que um estilo de vida. É um estilo de vida apaixonante. Se você não tem a paixão pela arte, você não pode ser um artista. Eu decidi ser artista. Sou do sertão, sou sertanejo, como origem, eu sou vaqueiro. Até os doze anos, pensava em ser vaqueiro, e dos 12 anos em diante eu comecei a vislumbrar a possibilidade de ser um artista, e foi por isso que eu fui para o Rio de Janeiro aos dezesseis anos, para me inteirar no mundo da arte. Vivo exclusivamente do meu trabalho, e acho que um verdadeiro artista deve se orgulhar muito disso. Não é fácil. Não digo que um artista que não vive do seu trabalho deixa de ser um artista, mas eu me orgulho do fato de viver de fazer arte. Sempre fui muito independente. No meu trabalho, não sigo uma orientação crítica, um movimento. Tenho certeza de que vou deixar um sinal nas artes. Não me preocupo com o mercado, com as tendências. Eu acho que a arte tem que ser feita com criatividade e seriedade. Feita com seriedade, não interessa o que é. Você



Eu acho que a arte tem que ser feita com criatividade e seriedade. Feita com seriedade, não interessa o que é. Você pode fazer tudo. Ser artista é justamente ter essa liberdade. Você pode fazer aquilo que você quiser.”

pode fazer tudo. Ser artista é justamente ter essa liberdade. Você pode fazer aquilo que você quiser. Uma liberdade total. Mas deve e tem que fazer com seriedade e o mais próximo possível da perfeição.

Unifor Notícias: O senhor passou cinco anos em um mosteiro. Como foi esse momento da sua vida?

Bruno Pedrosa: Foram cinco anos muito felizes para mim. Quando eu entrei para o mosteiro, já era um homem, 25 anos, já tinha três faculdades, com mostras no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. Essa pergunta que você está me fazendo é uma pergunta que me acompanha desde sempre. E eu poderia muito bem criar uma história... mas não. Foi uma série de circunstâncias em que achei que naquele momento para mim o melhor era entrar para um mosteiro. Fui apresentado ao mosteiro como um sistema de vida. Um monge é um cristão que decide ter uma vida de clausura. Num mosteiro, todo mundo trabalha, tem uma estrutura de vida socialista e o patrimônio é de todos, e você tem o necessário para

viver bem. É um ideal de vida que sempre me fascinou. É um ideal socialista dentro da filosofia cristã. Naquele momento, eu achei que era muito válido. No final do quinto ano, eu decidi que não valia mais a pena, que eu poderia ter uma vida aqui fora dentro do meu conceito de vida mais ou menos semelhante e eu queria constituir família.

Unifor Notícias: E artisticamente foi importante o período no mosteiro?

Bruno Pedrosa: Artisticamente, foi um hiato. Eu tinha uma carreira toda estruturada e cortei quando entrei no mosteiro. Eu não fiz exposições, eu não trabalhei plenamente porque tinha limites para o trabalho. Eu produzi desenhos porque era mais fácil e exigia menos espaço e produzi algumas coisas de pintura. Mas foi um hiato que realmente me desligou, digamos assim, do mercado de arte. Quando eu saí do mosteiro, eu praticamente tive que recomeçar a minha vida como artista a partir de 1981.

Unifor Notícias: O senhor tem três cursos universitários: Belas Artes, Arqueologia e Filosofia. O fato de ter essas três formações influencia o seu trabalho em que sentido?

Bruno Pedrosa: Um quadro é fruto de tudo aquilo que você armazenou de informações visuais, em leitura, de estudos e de prática, de maneira que todos os três cursos influenciaram no meu trabalho. Eu tive fases em que se via muito a presença da minha formação e da minha cultura arqueológica. Outras fases, da minha formação filosófica. Sem sombra de dúvida, as três formações tiveram uma importância muito grande.

Unifor Notícias: O senhor já pensou em ser professor?

Bruno Pedrosa: Não. Eu estudei para aumentar e criar o meu cabedal de informação. Para aprender. O professor, para mim, é uma coisa muito séria. O professor forma pessoas, forma opinião, tem que ter alma de educador, e eu não tenho a alma de um educador. Eu não tenho a pretensão de dar lição a ninguém. Eu bato papo, eu converso, faço conferências, mas não como professor. Eu aprendo quando falo, aprendo quando escuto. Ser professor é algo muito sério.

Unifor Notícias: Existe alguma coisa especial que o senhor gostaria que as pessoas apreendessem da exposição?

Bruno Pedrosa: Não. Através do meu trabalho, eu não procuro passar nenhuma mensagem. Meu trabalho é uma expressão do sentimento que estou vivendo no momento que estou criando. Quando um poeta faz uma poesia, ninguém pergunta a ele 'o que é que significa essa poesia?'. Ninguém! É uma poesia. Então, é uma expressão do meu sentimento. Eu procuro transmitir aquilo, perenizar, botar para fora no papel ou na tela aquele sentimento que estou vivendo. Não gosto de dar explicações sobre o meu trabalho. Eu prefiro que as pessoas vejam.

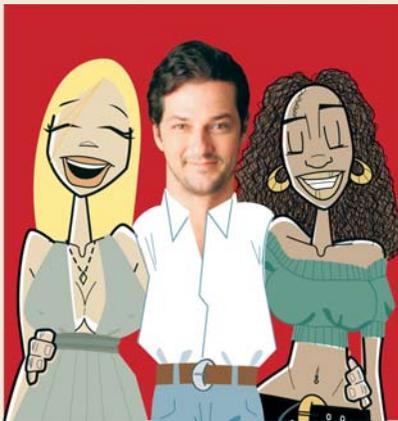
TEATRO

Não existe mulher difícil

Existe ou não mulher difícil? Quais são as melhores estratégias para conquistar uma mulher? Estas e outras questões são abordadas de forma bem humorada no espetáculo Não Existe Mulher Difícil, com o ator Marcelo Serrado, que pela primeira vez faz um monólogo. A peça fica em cartaz no Teatro Celina Queiroz nos dias 25, 26 e 27 de novembro, dentro do Projeto Grandes Espetáculos.

No enredo, um pianista que, após ser traído e abandonado, não consegue realizar seu show. Para entreter o público, ele começa a contar a história de seus amores. Com uma linguagem simples e divertida, a peça traz o perfil cômico, realista e até mesmo estereotipado das relações amorosas da vida moderna e do que um homem faz depois de uma separação. Voltar ao universo dos solteiros é, segundo o personagem, encarar uma nova realidade: as mulheres estão mais independentes e a cada dia mais exigentes.

■ **Não Existe Mulher Difícil.** Dias 25, 26 e 27/11, no Teatro Celina Queiroz. Sexta e sábado, às 21h; domingo, às 19h. Ingressos: R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia). Inf.: 3477 3175.



POESIA

por *Simone Barbosa Lima*

Unifor

É o orgulho da cidade,
Assim podemos falar.
A melhor Universidade
Que existe no Ceará.

Os melhores professores,
Nela se pode encontrar
Ensinando e Aprendendo
Para o futuro conquistar.

Ela é a mais premiada,
Coleciona conquistas.
Formando profissionais,
Porque são especiais.

Tem com a sociedade
A maior seriedade.
Ajudando aos que precisam,
Aos que têm necessidade.

E com o meio ambiente,
É um exemplo a se seguir.
Preservando a natureza,
A Unifor é assim.

O seu foco é qualidade,
Trabalhar com perfeição,
Espalhar profissionais
Por toda essa nação.

O nosso maior patrimônio
O grande mestre deixou:
O Grupo Edson Queiroz,
Que ele fez com tanto amor.

**Simone Barbosa Lima é funcionária da Universidade de Fortaleza. Trabalha no setor de Serviços Gerais desde janeiro deste ano.*

Unifor Plástica: arte plural

Em sua 16ª edição, a mostra contempla diferentes segmentos das artes ao expor obras inéditas de artistas experientes e oferecer oportunidade a novos talentos.

Diversidade artística por e com excelência. Pinturas, gravuras, esculturas, desenhos, fotografias e vídeos estão reunidos na 16ª edição da mostra Unifor Plástica, que fica aberta para visitação até o dia 18 de dezembro. Em exibição, 131 obras de 80 artistas locais e de outros nove estados brasileiros. Dentre os expositores, cinco foram premiados. Em ordem: Francisco de Almeida, Naiana Sousa, Sérgio Helle, Ana Cristina Mendes e Geórgia Santiago.

Para o gravurista Francisco de Almeida, primeiro colocado com a obra Altar da Luz, a Unifor Plástica tem contribuído para fomentar a arte no estado em seus mais diversos segmentos. “Esse era o único prêmio que faltava para mim e talvez o principal. Ele representa muito para minha obra. É fruto de muita dedicação, pesquisa e estudos. Quando você se doa ao que você está fazendo, independente de ser arte, você faz grandes conquistas”, acrescenta.

A aluna do curso de Belas Artes da Unifor Naiana Sousa ficou em segundo lugar com a obra Vultos. Essa foi a primeira vez que a estudante participou da mostra. “Sempre desenhei, mas fui começar a produzir com seriedade, a ler e a pesquisar quando entrei para o curso de Belas Artes da Unifor”, ressalta.

Já o experiente Sérgio Helle, vencedor de duas edições anteriores da exposição, destaca que a Unifor Plástica é hoje a mais diversificada mostra do estado. “Esse prêmio é um incentivo. A Unifor Plástica é extremamente importante no cenário cearense”, avalia. Sérgio ficou em terceiro lugar com as obras Acqua XXVII e Acqua XXVIII.

A comissão julgadora foi composta por pessoas com notório saber no campo das artes: Celina Queiroz, presidente da comissão; Carlos Velázquez, coordenador do curso de Belas Artes da Unifor; Heriberto Rebouças, curador e antiquário; Marcelo Mattos Araújo, diretor da Pinacoteca de São Paulo; e João Candido Portinari, presidente do Projeto Portinari.

Os três primeiros colocados receberam uma premiação em dinheiro no valor de 2 mil euros, além de uma passagem de ida e volta para conferir a Bienal de Veneza, considerada um dos mais importantes eventos das artes no mundo. Para o quarto e quinto colocados, viagem à Bienal do Mercosul e 1.500 reais em ajuda de custo.

A 16ª Unifor Plástica reservou ainda um espaço dedicado a obras da artista plástica cearense Heloísa Juçaba, que iniciou a carreira nos anos 1950 e teve trabalhos premiados em edições anteriores da mostra.

■ 16ª Unifor Plástica

Visitação até 18/12 no Espaço Cultural Unifor. Entrada gratuita. Estacionamento no local. De terça a sexta, das 8h às 18h; sábados e domingos, das 10h às 18h. Agendamento de visitas guiadas para grupos de visitantes: (85) 3477.3319.



2º lugar: Acqua XXVII, mista sobre tela, 103 x 175 cm, de Sérgio Helle.

1º lugar: Altar da Luz, gravura, 150 x 150 cm, de Francisco de Almeida.

3º lugar: Vultos, acrílica sobre papel e videoinstalação, 68 x 200 cm, de Naiana Sousa.

